



SALA DE RECURSOS

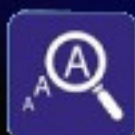
REVISTA

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília, vol 4, n.2, julho-dezembro de 2023.
Disponível em <<https://saladerecursos.com.br/>>



Sons Extraordinários

A sensibilidade musical em pessoas
com necessidades especiais.



Um produto do
Ecosistema Inclusão



PARCEIROS



Aqui cabemos todos



www.tudaq.com



ead.cafubiraliteraria.com.br



CEF Queima Lençol - DF



Equipe Althas

Altas Habilidades ou Superdotação,
TEA, Transtornos, Deficiências,
Dificuldades de Aprendizagem



Entrevistas

Índice

**JOÃO DANIEL
EDUARDO SIMÕES**
Uma banda excepcional, uma vida
extraordinária.



13

MARIA CLARA
Um tributo à resiliência, uma
celebração da vida



31

LILIANE ARANTES NESME
Como identificar as altas habilidades
musicais?



27

**MARINEIDE DE CASTRO PINHEIRO
ARAUJO**
Os Efeitos da Intervenção Pedagógica no
Bem-Estar de um Estudante Surdocego
com Doença Mental



34

ELIANE MARIA LIMA
O que não pode faltar em uma sala de
recursos



52

DANIELLE COSTA CAVALCANTE
Música, Dedilhados e Educação Especial



67

SUSAN KELLY GONÇALVES SOUSA
Desafios e Potencialidades da Minha Vida
como Mulher SurdoCega



80

LUCIANA REIS
10 Dicas para uma comunicação
simples e inclusiva.



90

RACHEL RABELO
Trabalhar com Estudantes
Superdotados no Ensino Regular



95

Artigos

leia



O Ecossistema Inclusão tem como compromisso desenvolver pessoas, especialmente aquelas que apresentam dificuldades de aprendizagem ou que possuem altas habilidades ou superdotação. Além disso, busca promover ações afirmativas progressivas em direitos humanos, sobretudo os postulados pela CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E PROTOCOLO FACULTATIVO À CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – conhecida como Convenção de Nova York sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Em nosso portal de serviços, <https://saladerecursos.com.br/>, oferecemos ao público interessado no assunto publicações sólidas, aplicativos e recursos pedagógicos destinados a superar obstáculos, remover barreiras e mitigar dificuldades. Além disso, para pessoas com altas habilidades ou superdotação, disponibilizamos atividades e materiais suplementares.

A gestão estratégica do Ecossistema Inclusão envolve a análise do ambiente externo e das políticas governamentais, a fim de identificar oportunidades e ameaças ao processo de inclusão, bem como o manejo dos recursos internos para implementação e distribuição dos produtos e serviços produzidos pela nossa equipe. Contamos com um time de especialistas em áreas estratégicas, como surdocegueira, altas habilidades e superdotação, transtornos da aprendizagem, deficiência intelectual, espectro autista, orientação educacional, design, publicidade, entre outros.

A curto prazo, temos o propósito de ampliar nosso portfólio de serviços, produtos e aplicativos, além de implementar ações para alcançar nossas metas. Isso depende da capacidade de gerenciar nossos recursos humanos, que contam com doutores, mestres e especialistas em educação especial. Ajude-nos a manter o Ecossistema Inclusão! Participe! Seja um voluntário em nossa equipe! Apoie o projeto nas redes sociais e envie suas dúvidas e sugestões!"





ECOSSISTEMA INCUSÃO

IBGE: Brasil tem 17.2 milhões de pessoas com alguma deficiência.

Missão

Dar visibilidade aos estudos e às pesquisas desenvolvidas nas salas de recursos do Distrito Federal e demais unidades da federação.

Princípios

Equidade, Igualdade, Respeito e Compromisso Ético.

Objetivo

Nosso objetivo é contribuir com a publicação de artigos, entrevistas e relatos de experiências vinculadas ao processo de inclusão escolar, bem como produzir recursos pedagógicos adaptados, seja na modalidade complementar, seja na modalidade suplementar.

Público Alvo

Professores, gestores escolares, coordenadores escolares, pesquisadores, famílias, entusiastas do tema inclusão.

Nosso Alcance

Google Analytics: 22/06/2023



NOSSOS NÚMEROS

<https://saladerecursos.com.br>



250
mil acessos

Google Analytics



977
seguidores

Meta: Alcançar 1200 seguidores em 2024
Caminho: ampliar a divulgação, lives formativas, compartilhar em grupos de mídia social nosso trabalho

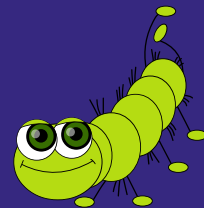


7000
downloads

Google Analytics

10 Aplicativos em fase de distribuição

- Português
- Matemática
- Inglês



4
cadernos

centopeia

Em fase de distribuição: atividades adaptadas

- Português
- Matemática
- Ciências



Recursos

E-Books : Teoria e Prática em fase de distribuição

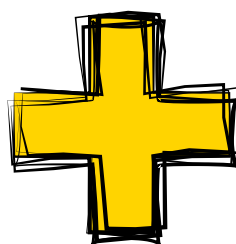
- Deficiência Intelectual.
- Altas Habilidades e Superdotação
- Síndrome de Down

3
ebooks

Site Oficial
www.saladerecursos.com.br



Novas Rotinas e a Sr
Revista ficou



Conectada
Interativa
Inclusiva

Faça o bem!
Pense e faça coisas boas!

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília. V.4, n.1, janeiro - junho, 2023
Disponível em:< www.saladerecursos.com.br>



Editores Científicos:

Fatima Ali Abdalah Abdel Cader-Nascimento, SEEDF.
Doutora em Educação Especial pela UFSCar, São Paulo, 2004.
<http://lattes.cnpq.br/9235531902125074>

Linair Moura Barros Martins
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (2015)
<http://lattes.cnpq.br/1085963533942293>

Bárbara Pereira Alencar da Rocha, SEEDF.
Doutoranda no Departamento de Literatura/PósLit - Instituto de Letras da UnB.
<http://lattes.cnpq.br/1593472119491222>

Eurípedes Rodrigues da Neves, SEEDF.
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2017.
http://lattes.cnpq.br/2341940544410287_

Sebastiana Geny dos Santos Amorim, SEEDF. (in memoriam)
Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Sul de Santa Catarina – UNISUL - Tubarão/SC, 2010
<http://lattes.cnpq.br/4585797897744073>

Editor de Normalização:

Eurípedes Rodrigues da Neves, SEEDF.
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2017.
<http://lattes.cnpq.br/2341940544410287>

Editores Executivos:

Luciana Reis Pereira, SEEDF.
Especialista em Educação inclusiva pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2009.
<http://lattes.cnpq.br/0237993615916519>

Rachel Rabelo, SEEDF.
Especialista em Informática na Educação pela Universidade de Brasília, Brasília, 1999.
<http://lattes.cnpq.br/4085446577208699>



Comitê Editorial:

Edilene Francisco de Carvalho, SEEDF.

Mestra em Educação pela Universidade de Brasília, UnB, 2024.

<http://lattes.cnpq.br/9550173440850528>

Eliane Maria dos Santos Lima, S.E. Pombos - PE.

Mestranda em Ciências da Educação/Universidade Grendal, Estados Unidos da América, Flórida, 2021.

<http://lattes.cnpq.br/4203912721231225>

Liliane Arantes Theodoro Nesme

Especialista e Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília.

<http://lattes.cnpq.br/8864023651033834>

Socorro Santos, SEEDF.

Especialização em Desenvolvimento Humano: coach Febracis, 2020

Editores Assistentes:

Ray Oliveira, SEEDF.

Especialista em Educação Inclusiva e Desenvolvimento Humano pela Universidade de Brasília, Brasília, 2008

<http://lattes.cnpq.br/9522638162652715>

Maria Paula da Silva, S.E. Pernambuco.

Pedagogia pela UFRPE e Especialista em Práticas de Educação Inclusiva.

Equipe de Apoio:

Revisão Gramatical: Márcia Andelo

Jornalista e Consultor: William Weber MTB – RJ 12.674 (in memoriam)

Audiovisual : Lunna Mara.

Design e Marketing: Aline Cardoso Weber

Relações Institucionais: Ray Oliveira

Libras: Alyne Oliveira e Cristiane de Araújo Martins Vieira.

Diagramação: Willians Celestino e Thomás de Aquino





Caros leitores,

É com grande prazer que nos reunimos novamente para celebrar o lançamento da 7ª edição da Sala de Recursos Revista, intitulada "Sons Extraordinários". Esta edição nos convida a mergulhar em histórias inspiradoras que abordam a resiliência, a celebração da vida e a importância da inclusão em nossas comunidades.

Ao abrir as páginas desta revista, somos imediatamente envolvidos por relatos comoventes, como o de Maria Clara, cuja jornada de resiliência é um lembrete poderoso do potencial humano para superar as adversidades. Da mesma forma, a história de Susan Kelly Gonçalves Sousa nos inspira com sua determinação e conquistas notáveis, desafiando as noções convencionais de limitações.

A trajetória de João Daniel, vocalista da Banda Hey Johnny, destaca a música como uma ferramenta de inclusão e expressão, enquanto os insights compartilhados por Liliane Arantes Nesme e Eliane Maria Lima nos convidam a refletir sobre a importância da educação inclusiva e dos recursos adequados para todos os alunos.

No entanto, à medida que celebramos essas narrativas de sucesso, é essencial que também reconheçamos os desafios enfrentados pela inclusão escolar de pessoas com deficiências. Embora tenhamos avançado significativamente nas últimas décadas, ainda há muito a ser feito para garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário à educação.

A inclusão escolar não se trata apenas de garantir que os alunos com deficiência estejam presentes nas salas de aula, mas também de criar um ambiente verdadeiramente inclusivo, onde todas as diferenças sejam valorizadas e todas as necessidades sejam atendidas. Isso requer não apenas a disponibilidade de recursos adequados, mas também uma mudança fundamental na cultura e nas práticas escolares.

É imperativo que continuemos a pressionar por políticas educacionais mais inclusivas e por investimentos em formação de professores e infraestrutura escolar. Além disso, é crucial que reconheçamos e celebremos as contribuições únicas que os alunos com deficiência trazem para o ambiente escolar, enriquecendo a experiência de aprendizado para todos.

À medida que avançamos, devemos nos comprometer a eliminar as barreiras que ainda existem, sejam elas físicas, sociais ou atitudinais. Somente através de um esforço coletivo e contínuo podemos garantir que cada aluno tenha a oportunidade de alcançar seu pleno potencial e contribuir para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.



Portanto, convidamos vocês, nossos estimados leitores, a se unirem a nós nesta jornada contínua em direção a uma educação verdadeiramente inclusiva e acolhedora para todos. Que as histórias compartilhadas nesta edição da Sala de Recursos Revista inspirem e motivem ações significativas em prol da inclusão escolar de pessoas com deficiências.

Atenciosamente,





Entrevista

Uma banda excepcional, uma vida extraordinária.
João Daniel e Eduardo Simões



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

leia



UMA BANDA EXCEPCIONAL, UMA VIDA EXTRAORDINÁRIA.
João Daniel e Eduardo Simões

RESUMO:

O autismo, uma condição que influencia a maneira como as pessoas se relacionam, comunicam-se e percebem o mundo ao seu redor, não é uma barreira para a expressão artística e a busca pela felicidade plena. João Daniel, um talentoso artista que já percorreu os palcos de Brasília com as bandas "Time Out" e "Good Time", transcende as limitações do autismo, provando que a música é uma forma universal de comunicação.

Ao ganhar destaque, inclusive sendo tema de um documentário na *Netflix* chamado "Os Originais", João Daniel encontrou novos caminhos em sua jornada musical. Agora, ele dedica seu talento a cantar trilhas sonoras de animações e a explorar o universo do Rock, culminando na formação da banda "Hey Johnny". Este novo projeto não apenas evidencia a paixão de João Daniel pela música, mas também destaca a capacidade de superação e realização pessoal que o autismo não consegue deter.

Um aspecto fundamental desse relato é a conexão amorosa entre Eduardo Simões e seu filho, Eduardo. Nesta entrevista conduzida por Eduardo Simões, pai dedicado e observador atento, somos presenteados com um olhar profundamente pessoal sobre João Daniel. Eduardo, ao traduzir com esmerada competência as características e sentimentos de seu filho, proporciona uma perspectiva única sobre a importância da família no processo inclusivo. A narrativa de João Daniel, com o suporte e compreensão de Eduardo, ressalta que o autismo não é uma limitação para a busca da felicidade e da realização artística. Pelo contrário, é uma jornada que destaca a importância do apoio familiar e da aceitação, oferecendo um exemplo inspirador de como a música pode transcender as fronteiras do autismo, criando uma plataforma onde todos, independentemente das diferenças, podem se conectar e compartilhar a alegria da expressão artística.

figura 1



Entrevistado

Depois de ter conquistado os palcos das principais casas de show e festivais de Brasília com as bandas "Time Out" e "Good Time" como o Brasília Capital Moto Week, Na Praia (Abertura do show do Capital Inicial), Festival "Vibrar" com Paralamas do Sucesso e ganhar até documentário na *Netflix Youtube* (Os Originais), o cantor João Daniel partiu para um projeto individual que sempre sonhou em fazer, cantar trilhas sonoras de animações e fazer muito Rock. Com esse sonho nasceu a banda Hey Johnny!



SR: Sala de Recursos Revista:

Para começarmos nossa conversa, gostaríamos muito de saber quem é o João Daniel?

João Daniel e Eduardo Simões:

João Daniel é um jovem autista de 18 anos, amante de vídeos de animações e que adora cantar. É vocalista da Banda Hey Johnny e com sua contagiante alegria tem cantado e encantado em diversos espaços e palcos por onde se apresenta. Com um repertório que vai do Rock nacional e internacional a diversas trilhas sonoras de filmes de animação, João Daniel usa sua presença nos palcos para também combater o preconceito e se comunicar através da música.

SR: Sala de Recursos Revista:

Em uma entrevista que acompanhei João Daniel disse uma frase impactante “o autismo nunca o impediu de cantar”. Como e quando esse talento foi descoberto?

João Daniel e Eduardo Simões:

O autismo pode trazer dificuldades para você se comunicar, mas não impediu ele de cantar, quando canta ele se transforma. Ele que descobriu o próprio talento, assistia os filmes e começou a cantar as trilhas sonoras, você tem que desenvolver muito do canto para fazer o que João faz naturalmente, na intuição. Ele nasceu com isso, tem dom.

figura 2



João em apresentação

“A Vida Não é Assim”

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



SR: Sala de Recursos Revista:

As músicas das animações da Disney, Pixar e DreamWorks contribuíram para que ele desenvolvesse a fala. Podemos considerar a música a forma de comunicação preferida por ele? Qual a mensagem que ele passa?

João Daniel e Eduardo Simões:

Sim, com certeza. A música não só desenvolveu a fala como também desenvolveu o canto, foi ali que ele ganhou a alegria de cantar, e as animações foram imprescindíveis. A mensagem passada ao público é sempre de alegria, ele se sente importante naquele momento. Alguns shows são só de animações e colocamos o vídeo no palco, ele enlouquece se vendo cantando nas cenas.

SR: Sala de Recursos Revista:

A banda Hey Johnny tem se apresentado em diversos espaços do DF, além de ter participado de eventos culturais, projetos e de abertura de shows. Como é integrada a banda? Nos conte um pouco das participações da banda no último ano nestes eventos.

João Daniel e Eduardo Simões:

A banda é integrada por cinco músicos profissionais que dão muito apoio para o João, não só tecnicamente pois são profissionais de alto nível (dois já participaram do Rock in Rio), mas são fãs do João. O baixista Giovanni Sena, guitarrista Gabriel “T-bone”, baterista Deivid Carvalho, tecladista professor Assis e a Backing vocal mestre de canto Denise Ferreira. Ultimamente a agenda foi repleta por muitas apresentações: UniDF, Eixão do lazer, abertura de show do Frejat e Capital inicial - Na Praia, Câmara dos Deputados, O’Rilley Irish Pub e inclusive uma apresentação junto à orquestra Sinfônica do teatro Nacional Plínio Marcos – Maestro Cláudio Cohen.



figura 2: Apresentação da Banda Hey Johnny

SR: Sala de Recursos Revista:

A Banda tem uma música autoral belíssima a qual João deu o nome “A vida não é assim”. Essa música foi feita para ele? Ela captou o sentimento dos autistas?

João Daniel e Eduardo Simões:

“**A vida não é assim**” é uma frase que João sempre fala repetidamente, e a frase acabou sendo incluída na música pois ela foi feita para o João. A música captou o sentimento dos autistas e também de Brasília, fala não só das questões dos autistas, mas da questão da diferença. Sabe lá o que seria se todos fossem iguais? A grande mensagem é que todos somos diferentes e cada um tem a sua performance e seu jeito.

Figura 3: Giovanni Senna, autor da letra
“a vida não é assim



fonte: arquivo pessoal

A vida não é assim (Giovanni Senna)

Sabe
Hoje eu tive um sonho
Parece meio confuso
Mas vou te contar
Ufa

Não era um pesadelo
Apesar das incertezas
Que a vida nos traz
“A vida não é assim”
Tão boa ou tão ruim
Sonho

Que estou num quadradinho
Que era um deserto uns anos atrás
“Brother”

Para onde estou andando?
Todas essas quadras parecem iguais
Custei e me encontrar
Para alguns pareço perdido
É que ninguém é igual
Sabe lá como seria a vida

...

SR: Sala de Recursos Revista:

Atualmente o que ele tem estudado e quais terapias tem feito para estar sempre melhorando sua qualidade musical?

João Daniel e Eduardo Simões:

As terapias envolvem bateria e aula de canto cuja professora é a Backing Vocal dele na banda. A música ajuda muito na interpretação, é importante estar ali trabalhando a música, o treino é a grande evolução.

SR: Sala de Recursos Revista:

O repertório da banda é bem diversificado, tem The Commodores, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Phill Collins e ele até já cantou com a Orquestra Sinfônica de Brasília. Com um repertório tão rico imagino que exija muitos treinos, me conte como é feita a escolha das músicas e como ele se organiza nessa rotina de ensaios.

João Daniel e Eduardo Simões:

O repertório é escolhido pelos músicos, pelo João e pelos pais do João. Os ensaios acontecem rotineiramente toda segunda-feira e são muito importantes para estarem bem preparados para os shows, é uma banda profissional e respeita o público. Pode acontecer dele se perder por um curto espaço de tempo durante a apresentação, mas ele capta e sabe entrar novamente, é sensacional. A rotina de ensaios é importante para não perder essa mágica. A música tem que estar no tom, tudo certinho e o público gostar.

SR: Sala de Recursos Revista:

SR: 8 – Qual o sentimento que João transmite quando pisa no palco?

João Daniel e Eduardo Simões:

Alegria. Na hora do ensaio ele é bom, mas na hora do show ele cresce. Quando ele entra no palco os olhos brilham e é uma felicidade total. Aos 16 anos ele concorreu na escola em um concurso de música, muitos colegas que concorreram cantavam muito bem, na hora da apresentação por ser autista ele não se preocupou com o público que assistia, ficou muito tranquilo, os colegas ficaram muito nervosos e não conseguiram cantar bem... João ganhou o concurso

“O autismo pode trazer dificuldades para você se comunicar, mas não impediu ele de cantar, quando canta ele se transforma...”

Eduardo Simões



SR: Sala de Recursos Revista

As diversas apresentações, entrevistas e mídias da banda têm contribuído para divulgar, além do público e notório talento artístico que é a proposta de trabalho de vocês, a questão inclusiva. Como vocês da banda veem essa bandeira que se abre para a sociedade trazendo informações sobre o autismo e contra o capacitismo?

João Daniel e Eduardo Simões:

Não é porque uma pessoa é autista que ela não tem as suas habilidades, a habilidade do João para cantar é altíssima, os músicos da banda confiam no João e João confia neles, é mútuo. O recado é passado, vamos mudar o mundo, precisamos revigorar isso. Não é porque você tem um problema que ele vai repercutir em tudo na sua vida, ele tem a dificuldade da comunicação, tem a dificuldade de ter um viés social, não compreende malícia como os neuro típicos, mas tecnicamente na música é impecável. É maravilhoso mostrar ao público que eles são capazes.

figura 4: Banda Hey Jhonny em apresentação.



fonte: arquivo pessoal



Sala de Recursos Revista:

O talento é real. O empenho é admirável. Quais os desafios que ainda precisam ser superados? Quais os sonhos que o João Daniel ainda deseja realizar?

João Daniel e Eduardo Simões:

O sonho é superar a comunicação, melhorá-la e fazê-lo se sentir presente neste mundo para poder se defender e não ser tão inocente, isso ainda precisa ser trabalhado ao longo do tempo. A música é o que mais o motiva, quando ele está com a música ele está feliz.

figura 5: João Daniel



fonte: arquivo pessoal

A vida não é assim!

João Daniel



Entrevista

UM TRIBUTO À RESILIÊNCIA, UMA CELEBRAÇÃO DA VIDA.

Maria Clara



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



UM TRIBUTO À RESILIÊNCIA E UMA CELEBRAÇÃO DA VIDA.

Maria Clara

RESUMO:

No dia 21 de março, celebramos o Dia Mundial da Síndrome de Down, uma ocasião significativa escolhida por simbolizar a trissomia do 21º cromossomo, a qual resulta na síndrome. Essa data não apenas destaca a conscientização, mas também se torna um momento de celebração da vida, promoção das garantias de liberdades, oportunidades e direitos para aqueles que enfrentam essa condição. Nesta entrevista, teremos a oportunidade de conhecer um inspirador exemplo de pessoa com trissomia - 21, alguém que tem muito a nos ensinar.

Maria Clara, aos 31 anos, emerge como um notável rosto e voz na promoção da inclusão. Seu pioneirismo é evidente, especialmente ao ser uma das responsáveis por apresentar o acervo cultural do TST - Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília. Além disso, ela se destaca como influencer digital e atriz, trazendo sua presença cativante para diversas peças teatrais, e nos agradecerá com sua estreia no cinema no próximo ano.

Esta entrevista proporciona uma oportunidade única para conhecer Maria Clara mais profundamente, revelando não apenas suas realizações notáveis, mas também a essência de quem ela é como indivíduo. Ao fazê-lo, destacamos a importância do pertencimento, reforçando como cada pessoa, independentemente das diferenças, contribui significativamente para a riqueza e diversidade de nossa sociedade.

Ao celebrarmos o Dia Mundial da Síndrome de Down, esta entrevista é mais do que uma mera apresentação de conquistas; é um tributo à resiliência, talento e à capacidade de superação que caracterizam aqueles que enfrentam desafios únicos. Convido a todos a conhecerem Maria Clara através desta linhas, uma representação vívida do valor inestimável do pertencimento e da inclusão em nossa comunidade global.

figura 1



Entrevistada

APAE DF. Workshop para atores, em São Paulo, atuação no filme *Colegas e o Herdeiro*, em Porto Alegre, foi apresentadora no evento *Caminha Down DF*, Brasília, em 2017, 2018 e 2023, atuou nas peças teatrais: *Omelete* (2019); *O Rei do Show* (2018); *Legalmente Loira* (2017); *O Despertar da Primavera* (2017); *Aurora da Minha Vida* (2016); *Ao som do Chapéu Coco* (2013); *O Vale Encantado* (2011); *Os Fantasma de Scrooge* (2010). Palestrante no 26 Congresso Nacional das APAEs e 7º Fórum de Autogestão e Autodefensoria, Natal, RN, em 2017; e-mail: clarinhaisrael@gmail.com
Instagram: [clarinha.israel](https://www.instagram.com/clarinha.israel)



SR: Sala de Recursos Revista:

Quais foram os maiores desafios que enfrentou ao construir sua presença online?

Maria Clara:

Os maiores desafios são fazer os conteúdos, sou extrovertida, gosto de conversar, mas sinto que preciso ficar mais à vontade.

SR: Sala de Recursos Revista:

Como você equilibra sua vida pessoal e profissional, especialmente com a pressão das redes sociais?

Maria Clara:

Mostrando a minha vida pessoal e profissional eu espero encorajar e inspirar outras pessoas, então nas redes sociais tudo acabou se misturando e eu acabei querendo mostrar tudo.

SR: Sala de Recursos Revista:

Quais são os principais valores que você tenta transmitir aos seus seguidores através de suas plataformas digitais?

Maria Clara:

Eu quero mostrar que as pessoas com Trissomia 21 podem fazer tudo! Podem estudar, trabalhar, namorar, ir ao cinema, ao shopping, restaurante, ser alguém na vida. Não teremos nossos pais para sempre, temos que aprender a viver sozinhos. Estou nas redes sociais para mostrar o que se é capaz de fazer.

figura 2: Ana clara em sua jornada de trabalho no TST-DF



fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

SR: Sala de Recursos Revista:

O filme.... Me conte tudo... Como soube? Como foi a seleção? Qual o tema?

Maria Clara:

O nome do filme é “Colegas e o Herdeiro”, dirigido por Marcelo Galvão, deve ser lançado em 2025, faço duas personagens a Rita e a Vera. O tema é sobre o dia a dia de um grupo de amigos com T-21 e as capacidades que cada um tem em sua rotina diária. Fiquei sabendo através de uma ex-professora de teatro, a Melina. A seleção foi difícil, bem concorrida, tive que gravar um vídeo e enviar para concorrer a vaga. Fui selecionada.

SR: Sala de Recursos Revista:

Quais foram os bastidores mais surpreendentes ou engraçados que você pode compartilhar sobre a produção de seu filme?

Maria Clara:

Não me lembro de nada engraçado... (risos)... foi bastante tenso! Eu adorei! Eu cheguei ao local de gravação em Porto Alegre com três dias de antecedência, ficamos convivendo no local onde tive oportunidade de conhecer todo elenco e fiz muitas amizades. O dia de gravação exigiu muita disciplina, acordamos muito cedo, fomos a uma universidade próxima a cidade e lá foram organizados todos os passos para gravação, inclusive figurino. É preciso muito tempo para filmar pequenas cenas, é muito cansativo, mas muito legal.

figura 3 e 4: bastidores do filme Colegas e Herdeiros



Fonte: acervo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

SR: Sala de Recursos Revista:

Já ocorreram críticas negativas ou manifestação de ódio nas suas redes sociais?

Maria Clara:

Nunca recebi críticas e nem palavras de ódio ou piadas de mal gosto.

SR: Sala de Recursos Revista:

Você tem algum conselho para jovens aspirantes a artistas que desejam seguir seus passos?

Maria Clara:

Estudar e trabalhar bastante. Quem tem um sonho pode realizar estudando e trabalhando.

SR: Sala de Recursos Revista:

Qual a rotina da Clarinha hoje?

Maria Clara:

Pela manhã me ocupo com terapias e academia, a tarde trabalho no Tribunal Superior do Trabalho como cerimonialista (tour com visitas para conhecer as obras de arte e dependências do TST) e auxilio a organização de eventos, a noite eu produzo conteúdo para as redes sociais, assisto televisão ou leio um livro.

Eu quero mostrar que as pessoas com Trissomia 21 podem fazer tudo! Podem estudar, trabalhar, namorar, ir ao cinema, ao shopping, restaurante, ser alguém na vida...

Maria Clara:



SR: Sala de Recursos Revista:

Atriz, influencer, trabalho no TST... O que podemos esperar da Clarinha num futuro próximo? Que sonhos ainda almeja? O que podemos esperar? Quais dificuldades precisam ser superadas?

Maria Clara:

Ser modelo e continuar sendo atriz e influencer. Quero morar sozinha, ainda não tenho condições, mas quero me preparar para ter, juntar um dinheiro, aprender a cuidar da casa, cozinhar e sair sozinha.

SR: Sala de Recursos Revista:

Quais dificuldades precisam ser superadas?

Maria Clara:

A dificuldade que precisa ser superada será demonstrar aos meus pais que estou preparada e tenho condições de morar sozinha.

Mostrando a minha vida pessoal e profissional eu espero encorajar e inspirar outras pessoas, então nas redes sociais tudo acabou se misturando e eu acabei querendo mostrar tudo.



Maria Clara:

fonte: arquivo pessoal



Artigo

COMO IDENTIFICAR AS ALTAS HABILIDADES MUSICAIS?

Liliane Arantes Theodoro Nesme

Especialista em Desenvolvimento Humano/UNB-DF



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



COMO IDENTIFICAR AS ALTAS HABILIDADES MUSICAIS?

Liliane Arantes Theodoro Nesme

1. RESUMO

Esse artigo, uma pesquisa bibliográfica, visa auxiliar professores, orientadores, psicólogos e comunidade escolar do Ensino Fundamental e do Ensino Médio na identificação de estudantes com altas habilidades ou superdotação, na área de Talentos – Música. Cita comportamentos sugestivos de altas habilidades musicais e analisa características do perfil do estudante com altas habilidades musicais. Correlaciona a “Teoria dos Três Anéis” de Joseph Renzulli: “Facilidade acima da média, elevados níveis de Comprometimento com a Tarefa e elevados níveis de Criatividade” a três processos musicais: “Percepção Musical, Reprodução Sonora e Composição Musical”. Enfatiza a necessidade da identificação dos estudantes com altas habilidades musicais, objetivando o desenvolvimento de suas potencialidades e o encaminhamento ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Palavras-chave:

Identificação. Altas Habilidades ou Superdotação. Música.

figura 1: Foto da autora



Liliane Arantes Theodoro Nesme: Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília (UnB) e em Música pela Universidade Cândido Mendes; licenciada em Música, também pela UNB. Lecionou na Escola de Música de Brasília e na Sala de Recursos para o Atendimento Educacional Especializado a Estudantes com altas habilidades ou superdotação, Área de Talentos – Música (SEE -DF). É autora do livro: “Talento Musical: Altas Habilidades Musicais, como identifica-las?”

Fonte: arquivo pessoal



2. INTRODUÇÃO

É interessante observar como crianças e adolescentes gostam de cantar, de dançar ou de tocar algum instrumento musical! A Música está presente nos diversos contextos sociais dos estudantes: na família, na escola e nos grupos sociais que participam. Na escola, em vários momentos do cotidiano, seja em apresentações de trabalhos em grupo, em brincadeiras nos intervalos ou em show de talentos, estudantes se expressam, naturalmente, formalmente ou informalmente, cantando, tocando um instrumento musical ou dançando.

Como é agradável, nos contextos escolares, ouvir uma criança cantando a música "Aquarela" de Toquinho, "Trem Bala" de Ana Vilela e Luan Santana, "Fico assim sem você" de Claudinho e Bochecha¹ ou outra música do cancioneiro nacional ou internacional! É igualmente surpreendente, no "Show de Talentos" da escola, assistir a uma apresentação de um adolescente (dos Anos Finais do Ensino Fundamental) tocando a famosa "Pour Elise" de Beethoven no teclado, ou a um violoncelista, aluno do Ensino Médio, tocando uma "Bachiana" de Villa-Lobos, ou mesmo, a um estudante da EJA (Educação de Jovens e Adultos) dedilhando melodias e harmonizando acordes em seu violão! Do mesmo modo, como é bom presenciar as apresentações de dança, de diversos estilos, do popular ao clássico, que levam alegria, animação, simetria e beleza às apresentações escolares!

Professores, pedagogos, orientadores, psicólogos, funcionários do quadro de Assistência à Educação, direção, servidores e estudantes, nesses momentos de demonstração de talentos de alguns estudantes, ficam maravilhados e, facilmente "rotulam" aquela criança, adolescente ou jovem como alguém com altas habilidades ou superdotação. Cantar afinadamente, tocar um instrumento musical corretamente, dançar ritmadamente, são indícios de altas habilidades musicais? Como identificar se um estudante tem altas habilidades ou superdotação na área da Música? Qual é o perfil de um estudante com talento musical?

De acordo com Virgolim, os educadores precisam compreender a superdotação em seus aspectos mais básicos, tornando-se agentes na promoção dos potenciais de crianças, adolescentes e jovens (VIRGOLIM, 2007).

Com o aporte teórico de Joseph Renzulli e de Howard Gardner (psicólogos dedicados aos estudos sobre Inteligência e Superdotação), pretende-se investigar características, habilidades e comportamentos sugestivos das altas habilidades musicais, que possam ser observados nos contextos escolares, em estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Objetiva-se, também, apresentar a correlação entre a "Teoria dos Três Anéis" de Joseph Renzulli: "Facilidade acima da média, Comprometimento com a Tarefa e Criatividade" e os três processos musicais: "Percepção Musical, Reprodução Sonora e Composição Musical", utilizando o referencial teórico do autor e de estudiosos da área da superdotação musical.

A identificação de altas habilidades ou superdotação, não somente na área musical, mas também em todas as áreas do conhecimento humano, visa proporcionar condições para que a criança, o adolescente e o jovem tenham as suas potencialidades desenvolvidas, como também suas necessidades emocionais, sociais e educacionais acompanhadas. É um processo

¹ Aquarela (M.Fabrizio-Toquinho-G.Morra-Vinicius de Moraes), Trem Bala (Ana Vilela), Fico eu assim sem você (Abdullah e Cacá Moraes).



complexo que se inicia a partir da observação de comportamentos sugestivos de altas habilidades/superdotação e, nos contextos escolares, deve culminar no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

3. METODOLOGIA

Essa pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com o embasamento teórico de Howard Gardner, de Joseph Renzulli e de teóricos da área da superdotação musical, alternou as abordagens hipotético-dedutiva e hipotético-indutiva (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1995), para a construção das premissas apresentadas e analisadas. Buscou-se defender a existência de uma correlação, na área da superdotação musical, da “Teoria dos Três Anéis” de Joseph Renzulli e dos processos musicais: “Percepção Musical, Reprodução Sonora e Composição Musical”, com ênfase na abordagem das características evidenciadas em estudantes com comportamentos sugestivos de altas habilidades ou superdotação.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Segundo Howard Gardner, psicólogo criador da “Teoria das Inteligências Múltiplas”, “todos os seres humanos desenvolvem capacidades particulares e são capazes de desenvolver competências em diferentes vertentes de aprendizagem” (GARDNER, 1999). Gardner defende que “cada uma dessas vertentes diz respeito a uma espécie de inteligência, que o indivíduo pode desenvolver com o passar do tempo” (GARDNER, 1999) e classifica os tipos de Inteligências Múltiplas em: “Lógico-Matemática, Linguística, Interpessoal, Intrapessoal, Corporal, Espacial e Musical” (GARDNER, 1999).

De acordo com Howard Gardner, a Inteligência Musical “está ligada à Música e à capacidade de aprender, interpretar e diferenciar padrões, timbres, notas, melodias e ritmos” (GARDNER, 1999), e, ainda segundo o psicólogo, “esse tipo de inteligência é característica de músicos, compositores, maestros, críticos de Música e de dançarinos” (GARDNER, 1999).

Certamente, a Inteligência Musical está presente nas pessoas com altas habilidades musicais. Para uma análise das características que fazem parte do perfil do estudante com AH/SD na área de Talentos – Música, que demonstra esse tipo de Inteligência, é necessário averiguar as características gerais das altas habilidades ou superdotação, comuns a todas as áreas do conhecimento humano. A “Teoria dos Três Anéis” de Joseph Renzulli norteia a identificação de pessoas com altas habilidades ou superdotação, tanto na Área Acadêmica quanto na Área de Talentos.

Joseph Renzulli, na “Teoria dos Três Anéis”, defende que:

O comportamento superdotado consiste nos comportamentos que refletem uma interação entre três grupamentos básicos dos traços humanos – sendo esses grupamentos: habilidades gerais e/ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade (RENZULLI, 2001).



De acordo com Renzulli, não se trata, somente, “de alguém apresentar um talento em alguma área do conhecimento, mas da constatação de um conjunto de fatores que levam indivíduos a apresentarem um perfil de superdotação” (RENZULLI, 2001). Ainda, segundo o psicólogo, “há estudantes que se destacam por sua facilidade acadêmica e há aqueles que se destacam por sua criatividade e inventividade” (RENZULLI, 2001).

O livro: “Talento Musical: Altas Habilidades Musicais, como identificá-las?” apresenta as características do perfil do estudante com altas habilidades na Área de Talentos – Música. Ao realizar entrevistas semiestruturadas com pais e/ou responsáveis (um pai e três mães) de quatro alunos que frequentavam a Sala de Recursos para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) a Estudantes com altas habilidades ou superdotação, Área de Talentos – Música, a autora do livro coletou informações sobre as experiências e vivências musicais das crianças e adolescentes alvos do estudo. Na entrevista, entre outras várias características e habilidades descritas, os pais relataram que seu filho (sua filha):

- percebe células rítmicas e ritmos, produzidos por fontes sonoras variadas;
- reconhece diversas alturas sonoras (grave e agudo);
- percebe melodias (sequências de notas);
- reconhece as frequências das notas musicais (ouvido absoluto);
- reproduz sons graves e agudos;
- troca um instrumento musical;
- elabora arranjos musicais;
- compõe músicas.

Com base nas informações relatadas pelos pais sobre a musicalidade dos seus filhos, verificou-se uma similaridade entre as características e habilidades apresentadas pelos estudantes. Observou-se, também, que essas características e habilidades em comum estavam ligadas a três processos musicais: “Percepção Musical, Reprodução Sonora e Composição Musical” (NESME, 2021).

Como é agradável, nos contextos escolares, ouvir uma criança cantando a música "Aquarela" de Toquinho, "Trem Bala" de Ana Vitela e Luan Santana, "Fico assim sem você" de Claudinho e Bochecha ou outra música do cancioneiro nacional ou internacional!



Favorecendo a identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação na área musical, percebe-se que a Percepção Musical, a Reprodução Sonora e a Composição Musical se relacionam aos Três Anéis de Renzulli. Na medida em que correspondem aos grupamentos básicos dos traços humanos (descritos pelo psicólogo), esses processos musicais “refletem” as altas habilidades/superdotação na área musical. A aguçada “Percepção Musical” indica, normalmente, uma “facilidade e uma habilidade acima da média” na área da Música; a “Reprodução Musical”, expressa na insistência e resiliência em treinar, repetidas vezes, demonstra um “elevado nível de comprometimento com a tarefa” de cantar, de tocar um instrumento ou de dançar; e a facilidade em organizar arranjos musicais e criar melodias e harmonias (Composição Musical) reflete elevados níveis de “Criatividade”.

Em Música, a “Facilidade acima da Média”, é demonstrada por meio de uma “Percepção Musical” expressiva. A capacidade de perceber os sons e as suas características pode refletir uma habilidade acima da média na área musical e evidenciar comportamentos sugestivos de altas habilidades ou superdotação. Reconhecer os parâmetros do som: sons graves ou agudos (altura), sons curtos ou longos (duração), sons fortes ou fracos (intensidade) e os sons dos instrumentos musicais (timbre), com uma habilidade notável, é um indício do talento musical.

Há crianças que ouvem alguns sons e reproduzem os mesmos com uma afinação precisa; há adolescentes que reproduzem e criam células rítmicas com muita facilidade e há indivíduos que percebem as frequências sonoras, identificando as notas produzidas (Dó, Ré, Mi e as outras notas musicais), com a altura exata das mesmas (essa percepção de frequências sonoras é denominada “Ouvido Absoluto”) (NESME, 2021).

Joseph Renzulli defende que “elevados níveis de comprometimento com a tarefa” é uma das características de quem apresenta altas habilidades ou superdotação. Na área musical, esse traço da personalidade da criança, adolescente ou jovem com altas habilidades ou superdotação se evidencia na “Reprodução Musical”. Para se desenvolver na habilidade de cantar, tocar um instrumento ou dançar, é necessário muito treinamento e repetição de músicas, de exercícios e de movimentos e a resiliência nessas repetições indica um envolvimento acima da média com a tarefa de se expressar musicalmente (NESME, 2021).

De acordo com Gardner, “a veia da composição criativa tem vida própria, sendo talvez, impossível desalojar esta veia dos próprios ritmos de funcionamento do indivíduo” (GARDNER, 1999). E, segundo Renzulli, “elevados níveis de criatividade” é o terceiro anel da “Teoria dos Três Anéis” sobre os comportamentos sugestivos de altas habilidades ou superdotação. Em Música, a “Composição Musical” é o processo musical que evidencia “Criatividade”. A facilidade para compor células rítmicas, melodias e arranjos harmônicos e a elaboração de canções, de músicas instrumentais e de coreografias sugerem as altas habilidades ou superdotação na área musical (NESME, 2021).



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Há estudantes que, nos contextos escolares, demonstram grande facilidade em cantar, tocar um instrumento musical ou dançar, apresentando características e habilidades que sugerem altas habilidades na área da Música. A identificação de crianças, adolescentes e jovens com altas habilidades musicais favorece o desenvolvimento de suas potencialidades e permite o acompanhamento de questões emocionais, educacionais e sociais ligadas à superdotação.

O estudante com altas habilidades musicais necessita de um acompanhamento especializado. O conhecimento da correlação entre a “Teoria dos Três Anéis” de Joseph Renzulli e os três processos musicais: “Percepção Musical, Reprodução Sonora e Composição Musical” e a constatação das características do perfil do aluno que demonstra o talento musical auxiliarão aos professores e à comunidade escolar “um olhar atencioso”, que favoreça a identificação das altas habilidades ou superdotação na área da Música e posterior encaminhamento dessa criança, adolescente ou jovem a um atendimento especializado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GARDNER, H. ***Inteligência: um conceito reformulado***. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.

NESME, L. A. T. ***Talento Musical: Altas Habilidades Musicais, como identifica-las?***, 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2021.

RENZULLI, J. S. Os fatores da Excepcionalidade. In: **Anais do XIV Congresso Mundial de Superdotação e Talento**. Espanha, 2001.

VIRGOLIM, A. M. R. ***Altas Habilidades/Superdotação: encorajando potenciais***. Ministério da Educação. Brasília, 2007.

COMO CITAR

NESME, Liliane Arantes Theodoro. Como identificar as altas habilidades musicais? In: ***Sala de Recursos Revista***. Brasília, v. 4, n. 2, p.26-32, julho - dezembro, 2023.

Disponível em: <>. Acesso em:





Artigo

OS EFEITOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO BEM-ESTAR DE UM ESTUDANTE SURDOCEGO COM DOENÇA MENTAL

Marineide de Castro Pinheiro Araújo

professora guia-intérprete da Classe Bilíngue Diferenciada da Secretaria de Educação do Distrito Federal



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



OS EFEITOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO BEM-ESTAR DE UM ESTUDANTE SURDOCEGO COM DOENÇA MENTAL

Marineide de Castro Pinheiro Araújo

1. RESUMO

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência de intervenção pedagógica realizada pela diáde: professora na função de guia-intérprete e um estudante surdocego com deficiência intelectual, esquizofrenia e surto psicótico. O objetivo consistiu na equiparação de oportunidades, a mútua interação de pessoas com deficiência e o pleno acesso aos recursos culturais da sociedade. Participou desse trabalho um estudante do sexo masculino, atualmente com 42 anos, possui surdocegueira pós-linguística, a surdez profunda bilateral foi a primeira manifestação e a cegueira a segunda associada à doença mental. O programa de intervenção privilegiou propostas manuais, comunicacionais e interativas como forma de articular o fazer didático intencional com os processos de apropriação do conhecimento pelo estudante com base no uso de recursos que valorizaram os sentidos remanescentes. Os resultados obtidos com a intervenção evidenciaram o prazer do estudante em frequentar as aulas, ampliou o tempo de concentração nas atividades manuais, mostrou interesse e motivação para a aprendizagem da relação entre o alfabeto manual e o código braille. Os dados permitem concluir a importância do professor na função de guia-intérprete, o plano de ensino individualizado para o atendimento educacional especializado como sendo cruciais para viabilizar a acessibilidade às informações e dar melhores condições de apropriação dos conhecimentos compartilhados gerando bem-estar para o participante.

Palavras-chaves:

Surdocego. Acessibilidade. Capacidade. Inclusão. Qualidade de vida. Bem-estar.

figura 1: Foto da autora



Marineide de Castro Pinheiro Araújo: Graduada em pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Franciscano Nossa Senhora de Fátima (2012), Psicopedagoga, professora guia-intérprete da Classe Bilíngue Diferenciada da Secretaria de Educação do Distrito Federal, atuou como professora e coordenadora na APAE-DF, como supervisora /orientadora de cursos FIC do PRONATEC, pelo Instituto Federal de Brasília – IFB

Fonte: arquivo pessoal



2. INTRODUÇÃO

Para a Organização Mundial da Saúde - OMS (apud ARAÚJO, 2019), a surdocegueira é compreendida como a incapacidade total ou parcial da audição e da visão. No entanto, é importante ressaltar que a Surdocegueira vai além de uma condição física e sensorial. Ela engloba uma história de indivíduos com sua própria identidade e cultura, presentes em todo o mundo, que enfrentam os desafios da surdocegueira e contribuem para a construção de sua própria história, cultura e conhecimento diariamente, bem como envolve o aspecto linguístico, conforme salienta Cader-Nascimento (2021).

A Surdocegueira não se resume à simples combinação de surdez e cegueira, nem é apenas um problema de comunicação e percepção, embora abarque todos esses fatores e outros mais (MCINNIS e TREFFY, 1991). Conforme apontado por Telford e Sawrey (1976), quando a visão e a audição estão gravemente comprometidas, os problemas relacionados à aprendizagem de comportamentos socialmente aceitos e à adaptação ao meio se multiplicam, fato que demanda por atendimento educacional especializado.

A Surdocegueira pode ser considerada por muitos como uma condição multissensorial e deficiência múltipla. No entanto, devido às especificidades decorrentes da ausência de contato com o ambiente através dos sentidos da visão e audição, ela resulta em uma condição única. No caso do participante deste estudo, ele é considerado um múltiplo deficiente sensorial devido à comorbidade relacionada ao transtorno mental (esquizofrenia/surto psicótico), apresentando múltiplos comprometimentos e condição de saúde frágeis. Ele apresenta dificuldades nas rotinas e habilidades da vida diária, bem como em outras habilidades de comunicação. Além disso, ele realiza movimentos corporais sem propósito em resposta a estímulos táteis e outros. Cader-Nascimento e Faulstich (2016, p.109) afirmam que o termo "surdocegueira" precisa ser considerado em relação a essas particularidades:

A natureza e a extensão do termo surdocegueira pode desencadear interpretações equivocadas uma vez que o termo em si gera uma compreensão da ausência total da recepção pela via auditiva e visual. A combinação dos distintos graus de surdez com as variações clínicas e funcionais próprias da deficiência visual pode, todavia, ocorrer na mesma pessoa.

Nota-se na abordagem das autoras que se faz referência à perda sensorial, sem referência ao comprometimento mental. Quando ocorre a surdocegueira associada à comorbidade da doença mental, a classificação passa a ser de múltiplo deficiente sensorial.

Dessa forma, uma pessoa com múltipla deficiência sensorial é aquela que apresenta deficiência visual e auditiva, além de outras condições de comportamento e comprometimentos, que podem estar relacionados à área física, intelectual ou emocional, incluindo quadros de transtorno mental. É importante destacar que, na maioria dos casos, não são apenas os canais de visão e audição que são afetados, mas também outros sistemas, como o tátil (toque), vestibular (equilíbrio), proprioceptivo (percepção da posição corporal),

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



olfativo (aromas e odores) e gustativo (sabor). Limitações em qualquer uma dessas áreas podem ter um impacto significativo no funcionamento, aprendizagem e desenvolvimento da pessoa (PERREAULT, 2002).

No entanto, é importante ressaltar que, independentemente de ser surdocego ou possuir múltiplas deficiências sensoriais, é fundamental garantir os direitos da pessoa em relação ao exercício da cidadania. Para isso, torna-se crucial implementar um programa de atendimento educacional especializado individualizado, que permita o ensino intencional e promova uma melhor qualidade de vida e bem-estar para o indivíduo. Nesse contexto, é fundamental considerar os processos de acessibilidade à informação, os quais desempenham um papel essencial no desenvolvimento das potencialidades intelectuais das pessoas. Abordaremos esses aspectos detalhadamente a seguir.

3. Desenvolvimento

3.1 A importância da comunicação adequada

No momento de comunicar com alguns estudantes que possuem deficiência intelectual, muitas vezes as dificuldades de comunicação constituem em um obstáculo na interação. Na área sócio educacional, em alguns casos, ocorre uma assincronia no funcionamento do processamento das informações e da idade cronológica. Diante dessa realidade, é necessário mediar a interação social entre pares com a mesma idade cronológica, interesses e que possam compartilhar recursos de comunicação comuns como: gestos, desenhos, alfabeto, libras adaptada, escrita, dentre outros que o contexto e a situação permitirem. Essa prática possibilita ao grupo participar de atividades comuns. Nesse processo, o intercâmbio entre os pares proporciona momentos ricos de aprendizagem de novos comportamentos, valores e atitudes correspondentes à própria faixa etária. É preciso ter cuidado e atenção quando se leva em consideração apenas o fato da inclusão em turmas com o mesmo nível de funcionamento do processamento cognitivo. Nesses casos, de acordo com Honora e Frizando (2008), ao invés de contribuir para seu desenvolvimento, pode gerar a infantilização e estabelecer barreiras ao desenvolvimento psíquico-social. A esse respeito as autoras afirmam que:

Não existem “receitas” prontas para trabalhar com pessoas que têm deficiência intelectual, devemos ter em mente que cada pessoa é uma e que suas potencialidades, necessidades e conhecimentos ou experiências prévias devem ser levados em conta, sempre. (HONORA E FRIZANCO, 2008, p. 107).

No momento de comunicar com alguns estudantes que possuem deficiência intelectual, muitas vezes as dificuldades de comunicação constituem em um obstáculo na interação.



Honora e Frizanco, (2008) sugerem algumas dicas que podem ser importantes para trabalhar com estudante com deficiência intelectual, e, no nosso caso, na múltipla deficiência sensorial:

- focar a atenção, dando prioridade aos objetivos que se quer ensinar;
- partir de contextos reais;
- criar situações de aprendizagem positivas e significativas, preferencialmente em ambientes naturais aos alunos;
- usar situações e formas o mais concreta possível;
- transferir comportamentos e aprendizados adquiridos para novas situações;
- dividir as tarefas em partes, com graduação das dificuldades, respeitando o ritmo do aluno;
- motivar, elogiar o sucesso e valorizar a autoestima;
- ampliar os atendimentos para além da área dos conhecimentos acadêmicos, com vistas a aprendizados que melhorem a qualidade de vida de todos os estudantes.

As autoras também alertam que embora o quociente de inteligência (QI) ainda seja uma das medidas usadas na avaliação psicométrica das pessoas, os resultados não devem ser usados como rotulação. Deve-se ter o cuidado de evitar a estigmatização dessas pessoas. Conforme propõe Vigotski (1995), todos os estudantes podem ser alcançados como uma abordagem apropriada, mediante o trabalho realizado a partir da zona de desenvolvimento proximal e por meio da mediação dos instrumentos e dos signos. Desta forma, é possível proporcionar a aprendizagem de novas habilidades que facilitem sua criatividade e capacidade de conhecer o mundo e sua própria identidade levando em consideração os antecedentes de formação e experiência de vida.

Na perspectiva histórico-cultural, a pessoa com deficiência deve ser estudada levando-se em consideração suas limitações, isto é, não se pode negar a surdez, a cegueira, as síndromes, pois são alterações orgânicas instaladas. Mas, para Vigotski (1995), a deficiência primária (biológica) não impede o desenvolvimento do indivíduo, mas o que o coletivo, o social, a cultura realiza a partir da relação que estabelece com a pessoa com deficiência será o delimitador das possibilidades ou dos entraves ao desenvolvimento.

Vygotsky considera a pessoa com deficiência como uma pessoa singular, com características próprias, cujo desenvolvimento depende dos processos de mediação presentes nas interações sociais e da natureza da deficiência. O paradigma vygotskyano, nos apresenta diversas possibilidades de desenvolvimento do sujeito com necessidades educativas especiais. Nessa perspectiva, um conceito que devemos ter sempre em mente é que a inteligência é dinâmica, havendo a possibilidade de uma evolução. Vygotsky nos fornece a base dessa concepção ao postular que a inteligência não é inata, mas se constrói nas trocas constantes com o meio ambiente. A educação se insere nesse contexto, tendo a escola um papel privilegiado nesse processo. Para isto, torna-se essencial lembrar o que o autor diz



sobre as relações entre aprendizagem e desenvolvimento, o que é bem sintetizado no seu conceito de zona de desenvolvimento proximal.

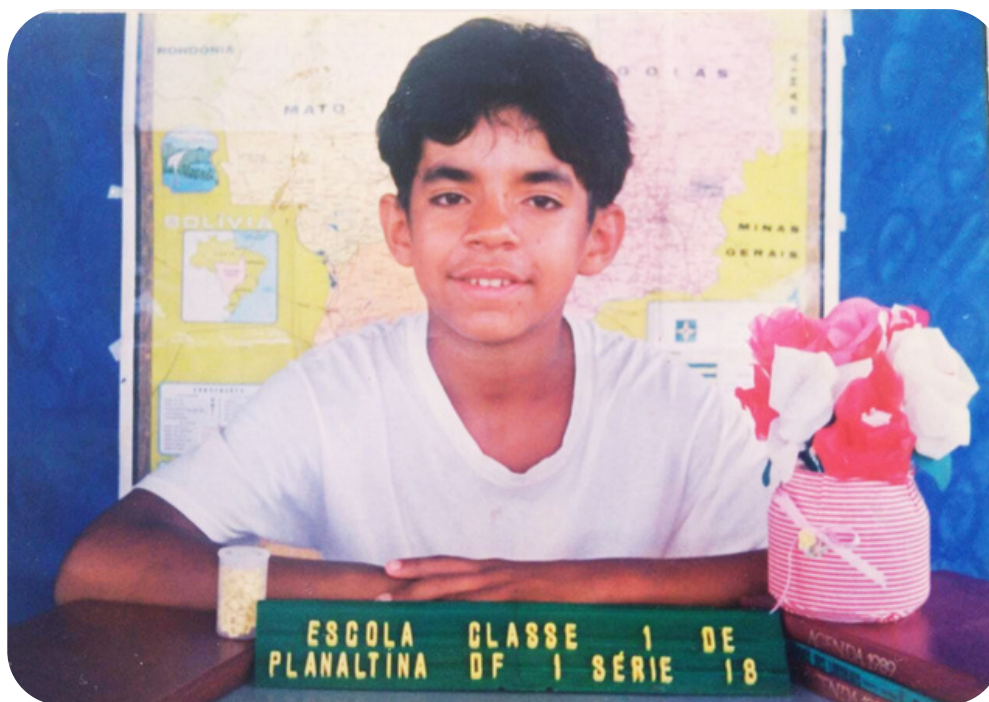
O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) proposto por Vygotsky representa um marco teórico crucial na compreensão do potencial de desenvolvimento da pessoa com deficiência. Ao receber o suporte de indivíduos mais habilidosos, como adultos, professores ou colegas mais capazes, a pessoa com deficiência é capaz de realizar atividades em parceria, além do que seria possível por conta própria. Esse conceito revela o potencial não realizado do indivíduo, apontando para suas capacidades latentes. Diante da perspectiva histórico cultural, iremos apresentar a experiência pedagógica realizada com o estudante com múltipla deficiência sensorial.

4. Método

4.1 Perfil do estudante participante

O participante deste estudo é um estudante com diversos sonhos, como qualquer outra pessoa, o qual será identificado nesse relato como M42, sendo que a letra M representa o gênero masculino e o algarismo a idade. Ele é do sexo masculino, nasceu em 10 de novembro de 1980, é filho de mãe solo e possui uma irmã que constitui sua rede de apoio familiar. Atualmente, estuda em uma Classe Bilíngue Diferenciada da EJA Interventiva em uma escola de ensino fundamental anos finais de uma região administrativa de Brasília, distante 45 km do plano piloto. Possui experiência escolar na infância em escolas regulares, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2: Participante M42, infância, escolas regulares



Fonte: arquivo cedido pela família.

Podemos observar na Figura 3 que M42 não manifesta alteração visual. Ele nasceu com surdez profunda bilateral neurossensorial. Iniciou sua vida escolar na década dos anos 80 aos 6 anos. Nesta época, não havia intérprete de língua de sinais na sala de aula, mesmo assim conseguiu desenvolver suas habilidades educacionais, dentro da perspectiva de ensino oralista para surdos. Ele teve contato com a língua de sinais na comunidade surda. Foi alfabetizado em português sinalizado, com o tempo foi adquirindo habilidades esportivas como capoeira, karatê, jiu-jítsu, corrida e, por meio dessas atividades, conquistou vários amigos. Ele era bem ativo na comunidade surda, assim foi sua infância/adolescência. Por volta dos 10 anos, demonstrou uma certa dificuldade para enxergar algumas coisas, às vezes, ao andar, caía e esbarrava nas coisas, havendo maior dificuldades à noite. Inicialmente, em consultas oftalmológicas, não foi detectada a retinose pigmentar. Ele continuou seguindo suas atividades normalmente. Durante a adolescência, começou a namorar uma surda. Ele, sempre muito envolvido com os “amigos”, que os convidava para atividades sociais e coletivas, saiam, bebiam, dentre outras experiências que podem ocorrer na fase de transição da adolescência para a vida adulta.

Figura 3: A ilustra o M42 durante a adolescência



Fonte: arquivo cedido pela família.

No final dos anos 90 e início dos anos 2000, o estudante demonstrou mudança de comportamento. No entanto, a família não conseguia compreender o que estava acontecendo, embora suspeitasse do uso excessivo de substâncias psicoativas e da aproximação dele com usuários. Aliado à alteração comportamental, ele sofreu um acidente de carro, na região central de Brasília, a aproximadamente 35 km de sua residência. Neste acidente, M42 teve ferimentos graves, levando a acompanhamento na rede hospitalar pública por longo período. Após receber alta, começou a demonstrar comportamentos agressivos, uma desordem mental e falas incoerentes. A alteração comportamental foi constatada pela família, porém ele permaneceu por cinco anos sem tratamento. Durante esse período, parou com as atividades vinculadas ao espaço escolar, a namorada e todos os amigos se afastaram, mantendo contato apenas com os membros da família.

A família relata que ele saiu de casa e ficou desaparecido por três dias, tendo sido internado em um hospital psiquiátrico. O retorno à sua casa, sem medicação, e com comportamentos agressivos, levou a família a solicitar encaminhamento para interná-lo novamente, e assim ficou por alguns meses. Após receber alta, agora como doente mental, surdo e baixa visão, a família criou estratégias próprias para lidar com as alterações comportamentais, as quais não incluíam contato com a comunidade surda. Ele viveu durante 16 anos em isolamento linguístico e restrição de contatos sociais. A situação de isolamento mudou no final de 2017, quando a comunidade surda que participa da pastoral do surdo, conhecidos de longa data do M42, relatou a situação dele à pastoral.

A pastoral do surdo localizou o M42 em sua residência e o direcionou para o programa de atendimento aos estudantes surdocegos da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), no Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV). Ele foi matriculado no programa de reabilitação, no entanto, em função da distância e pouca rede de apoio, a família desistiu do atendimento. Dessa forma, a pastoral optou por criar um grupo de trabalho voluntário na residência do M42. Participaram do grupo inicial a professora-pesquisadora - autora deste relato, o professor Vavado, a professora Lilian e alguns surdos e surdocegos que já conheciam M42. Posteriormente, houve a oferta de vaga no território da residência do M42, momento em que o trabalho pedagógico especializado passou a ser implementado na SEEDF com a professora na função de guia-intérprete. O trabalho ocorreu com M42 em parceria com a família e a pastoral do surdo, comunidade do território próximo à residência do estudante.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) proposto por Vygotsky representa um marco teórico crucial na compreensão do potencial de desenvolvimento da pessoa com deficiência.



3.2 Procedimento de intervenção

O processo de intervenção teve início no final do ano de 2017, quando alguns amigos surdos da pastoral relataram a situação de um surdocego que vivia em casa “preso” e que precisava de ajuda. Assim, a autora deste relato de experiência foi convidada pela amiga da pastoral para visitá-lo e conhecê-lo. Quando chegamos à residência do M42, naquele momento, primeiro contato, ele não aceitou nosso toque. Tentamos nos comunicar por meio da língua de sinais adaptada ao campo de visão, mas não obtivemos resposta. Utilizamos gestos naturais, mas a compreensão foi muito restrita. Tudo era novo para ele e as pessoas eram desconhecidas. A resistência de contato com estranhos é um comportamento adaptativo funcional esperado e já descrito na literatura (CADER-NASCIMENTO e COSTA, 2005)

Em outro momento convidamos um amigo, Professor Vavado, que possui conhecimento em braille e habilidades em criar, adaptar material e recursos pedagógicos personalizados. Ele aceitou participar desse projeto e abraçou o desafio. Assim, o trabalho de intervenção foi iniciado. Começamos um trabalho em dupla, apresentamos várias possibilidades de atividades, uma delas foi o artesanato utilizando miçangas, sementes, linhas e outros, mas M42 não aceitou. Nesse dia, ele manifestou que queria estudar, ler e escrever, então pensamos em outras estratégias. Conforme suas necessidades, foram elaborados materiais com MDF para começarmos.

Durante a intervenção, organizaram-se algumas atividades pedagógicas que eram propostas uma vez por semana. Inicialmente introduzimos recursos e instrumentos pedagógicos para explorar os sentidos remanescentes (olfato, paladar e toque), bem como exploramos as sensações cinestésicas, apresentando tipos de comunicação receptivas. Aliado a esse processo, priorizamos a aprendizagem do código Braille, construindo possibilidades de interação com os objetos culturais de conhecimento (registro escrito e associação do código braille com o alfabeto manual), por meio dos sentidos remanescentes. A Figura 4 ilustra processos de intervenção em dupla com o M42.

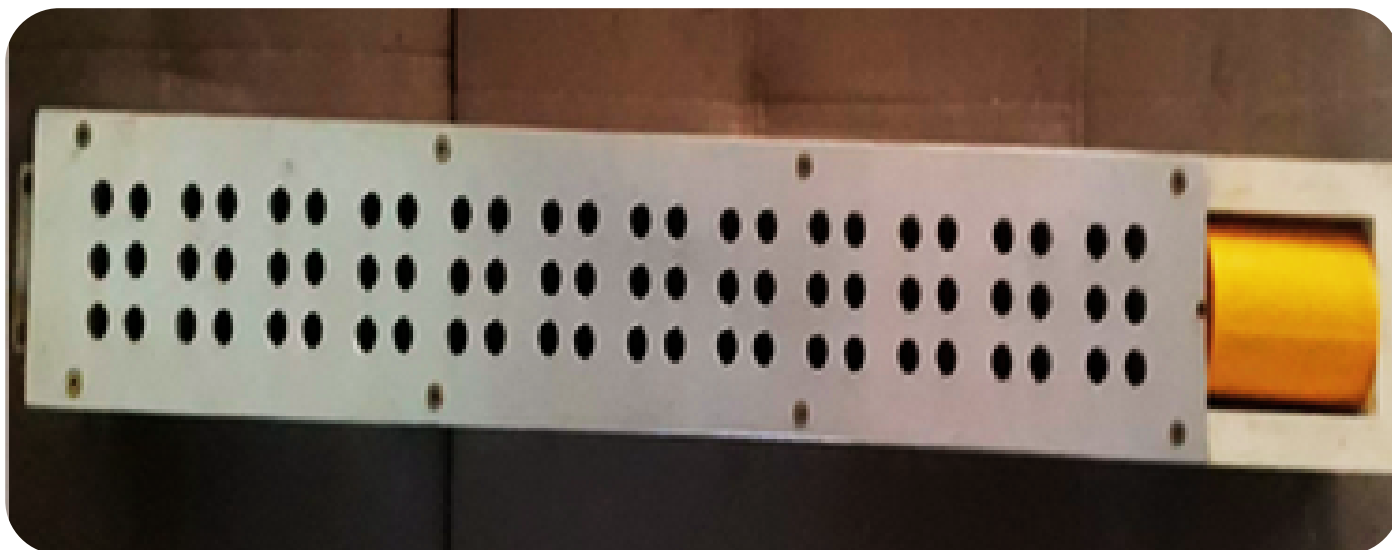
Figura 4



As imagens são referentes ao momento em que iniciamos o ensino intencional do código braille. Para tanto, utilizamos o registro escrito ampliado e em alto relevo (alfabeto romano), associado a datilologia (alfabeto manual dos surdos) e o código braille.

O registro do código braille ocorreu na caixa braille pensada e criada para M42, pelo Prof. Vavado. Buscamos, dessa forma, resgatar os conhecimentos prévios do M42 e introduzimos novas apropriações de conteúdos socioculturais. A Figura 5 ilustra o equipamento utilizado denominado aqui de caixa braille.

Figura 5: Caixa braille para registro escrito do código.



Fonte: recurso pedagógico pensado e criado pelo Professor Vavado.

A caixa braille é um material didático confeccionado em MDF, placa de alumínio com 12 celas do código braille de seis furos. Dentro da caixa, tem esferas avulsas que são utilizadas para representar cada letra da palavra no código braille. A caixa também tem um dispositivo que, se acionados, as esferas caem em uma caixa interna, possibilitando, assim, novos registros.

Como o atendimento era realizado apenas uma vez por semana, o processo acontecia de forma lenta e ainda tínhamos que esperar que fosse um dia bom para ele, pois tinham dias tranquilos e dias muito agitados, por causa da suspeita de esquizofrenia.

Em um dia de atendimento, cheguei a sua casa e ele estava trancado no banheiro, mas decidi esperá-lo. Esperei exatamente o tempo que ficaria com ele para realizar as atividades propostas. Ele cronometrou exatamente o tempo que ficaríamos juntos e permaneceu dentro do banheiro. Ao sair, percebeu minha presença, então perguntei: O que está acontecendo? O que está sentindo? Ele respondeu: "Estou sentindo dor de dente". No mesmo momento entrei em contato com o amigo parceiro e solicitei ajuda com um dentista. Todo processo exige uma rede de amigos e pessoas voluntárias, profissionais ou não, que estão dispostos a colaborar. Foi acionada a rede de apoio que conseguiu atendimento, levamos -o ao dentista, no mesmo dia, para uma avaliação. Ao fazer um RX, perceberam que havia uma inflamação na gengiva e era necessário extrair um dente. Na semana seguinte da extração do dente, ao retornar às atividades, ele encontrava-se bem mais calmo, agradeceu por ter ajudado com o dente. Neste dia, a mãe relatou toda vida do filho, agradecendo por tudo, falei a ela que estávamos ali para ajudá-los da melhor forma.

Figura 6: Interação em língua de sinais háptica e adaptada ao campo visual.



Fonte: arquivo pessoal.

Aqui nestas imagens o estudante demonstrava um comportamento mais tranquilo e aceitava melhor os toques e sinais propostos durante os atendimentos. Em alguns momentos, convidava alguns surdos para interagir, aos poucos foi socializado com outras pessoas (ouvintes, surdos e surdocegos).

As estratégias foram sendo realizadas com o compromisso de um ensino intencional direcionado a ampliação dos recursos de comunicação e dos contatos sociais do participante. Ao finalizar o ano de 2018, percebemos avanços significativos no desenvolvimento emocional, social e cognitivo do participante. Apesar dos avanços, a mãe solicitou indicação de uma clínica psiquiátrica para interná-lo novamente, pois já estava sentindo-se muito cansada e ficava preocupada de não conseguir cuidar dele. Expliquei que, no caso dele, não era indicado e que hoje se evita que pessoas como ele fiquem internadas, pois o convívio com a família e as pessoas de seu território contribuem com o bem-estar e a qualidade de vida. No caso, se ele fosse para uma clínica psiquiátrica não teria ninguém para comunicar-se de forma clara, provavelmente ninguém saberia a língua de sinais ou braille, iriam administrar medicamentos, “dopá-lo”, e ficaria deitado o tempo todo. Propus pensarmos em outras soluções para o problema.

Depois de alguns dias, expliquei para família que a melhor opção e, por direito, seria retorná-lo à escola, porém poderia ser um processo longo. Mesmo assim, a família concordou e foi orientada sobre como proceder. Dessa forma, o programa educação ao longo da vida foi a alternativa que encontramos junto à secretaria de educação para atender às demandas dos participantes com vistas a ampliação da sua autonomia, iniciativa e confiança na realização das atividades e na condução da própria existência.

4. Recursos utilizados

Durante o processo de intervenção, utilizamos alguns materiais criados pelo professor Vavado, amigo e parceiro do atendimento educacional especializado. Os materiais facilitaram as mediações desenvolvidas durante as aulas na casa do participante. Por meio desses materiais, conseguimos perceber o desenvolvimento da memória tátil e as lembranças de sua memória visual. Aliado a esses processos, podemos afirmar que o uso dos materiais pedagógicos adaptados possibilitou a ampliação do tempo de concentração e persistência do M42. Dentre esses materiais, destacamos a caixa braille (ver Figura 5).

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

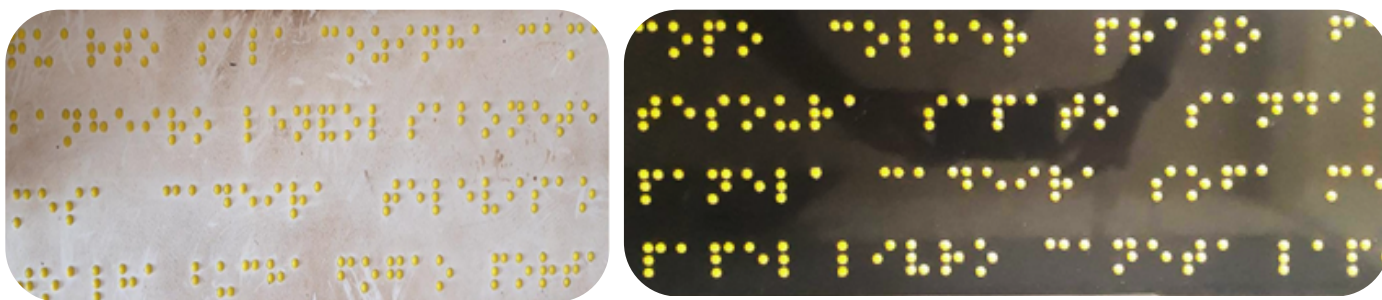


Figura 7: Planta baixa da casa do estudante, material confeccionado pelo professor Vavado



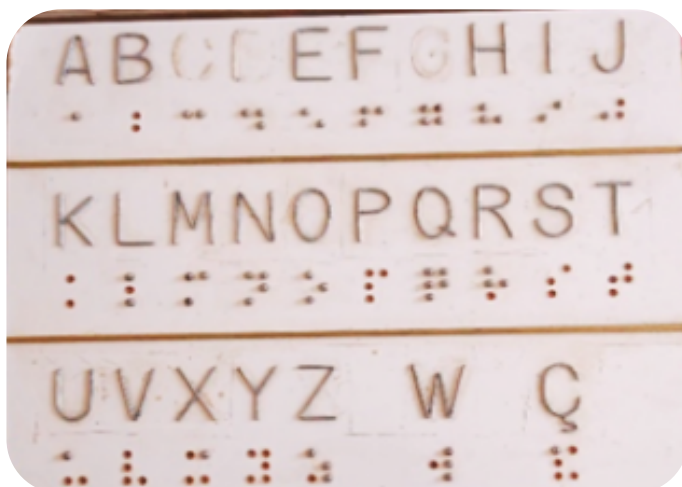
Fonte: arquivo pessoal

Figura 8: Registro no código braille do nome dos cômodos da casa e objetos de higiene



Fonte: arquivo pessoal

Figura 9: Material em alto relevo referente à associação do alfabeto romano e ao código braille. Material confeccionado pelo Prof. Vavado



Fonte: arquivo pessoal

Os resultados obtidos consistiram em compreender que cada ser humano é uma criação única. Possuímos uma série de talentos, capacidades e maneiras de aprender. Cada um de nós apoia-se em diferentes sentidos para captar e organizar as informações, que nos aproximam dos objetos de conhecimento. Chamamos a isso de Estilos de Aprendizagem. “É simplesmente o estilo cognitivo que um indivíduo manifesta quando se confronta com uma tarefa de aprendizagem” (GÓMES; TERÁN, 2009)

O estudante melhorou suas habilidades motoras, táteis, de comunicação e demonstrou interesse em querer aprender. Optou-se por comunicar-se por meio da libras tátil, utilizando movimento coativo (mão sobre mão). Resgatou-se o contato e a convivência com a comunidade surda do seu território, conseqüentemente, foram ampliados e fortalecidos os vínculos sociais e emocionais. Diminuiu a resistência ao toque, tornando-se mais acessível a ele, possibilitando uma comunicação direta, com o desenvolvimento de códigos linguísticos, pois a comunicação não acontece somente de forma verbal, mas, também, na modalidade não verbal, conforme as possibilidades e potencialidades sensoriais e linguísticas de cada pessoa.

Após toda intervenção e mediações pedagógicas e linguísticas, orientações à família, idas e vindas à regional de ensino, conseguimos resgatá-lo para o convívio social e educacional no segundo semestre de 2019. Assim, o estudante foi matriculado na Classe Bilíngue Diferenciada da EJA Interventiva, em uma escola de ensino fundamental anos finais. Durante o primeiro semestre, ele ficou sem guia-intérprete, mas estava interagindo com os colegas e professores, e assim finalizou o ano.

No ano seguinte, fui transferida para ser a guia-intérprete do estudante, aceitei o desafio e começamos novamente a nos encontrar, antes era apenas uma vez por semana, a partir desse momento passou a ser todos os dias. O nosso reencontro enquanto professora na função de guia-intérprete foi motivo de comemoração e alegria. Ele ficou muito feliz com o reencontro. Em um novo começo, com um pé no passado e o outro no presente, então juntamente com as professoras regentes, começamos a pensar em novas estratégias para desenvolver em sala de aula. No entanto, 22 dias depois, tudo parou.

O Decreto do governo do Distrito Federal em março de 2020 estabeleceu medidas de segurança para a saúde e o bem-estar da população, com vistas a prevenir o surto da COVID-19. Assim, fomos proibidos de ir à escola, de sair de casa, estava começando uma pandemia, o estudante voltou ao isolamento que viveu por 16 anos, ficamos quatro meses sem contato. No entanto, em função da condição sensorial dele, eu quebrei alguns protocolos e fui visitá-lo, conversar um pouco sobre o que estava acontecendo, explicar a importância do uso da máscara, do álcool nas mãos, ensiná-lo os procedimentos corretos de higienização das mãos. Ele precisava compreender o que estava acontecendo no mundo e que tinha lhe afetado diretamente. Também pensei em alguns materiais como números em braille,



números em relevo, notas de dinheiro (sem valor) em braile, nome dos objetos, móveis e utensílios de casa em braile, imagens dele com a mãe e forma de tangram, para a família desenvolver com ele em casa, pois ainda conseguia visualizar algumas coisas.

Figura 10: Material de apoio ao AEE

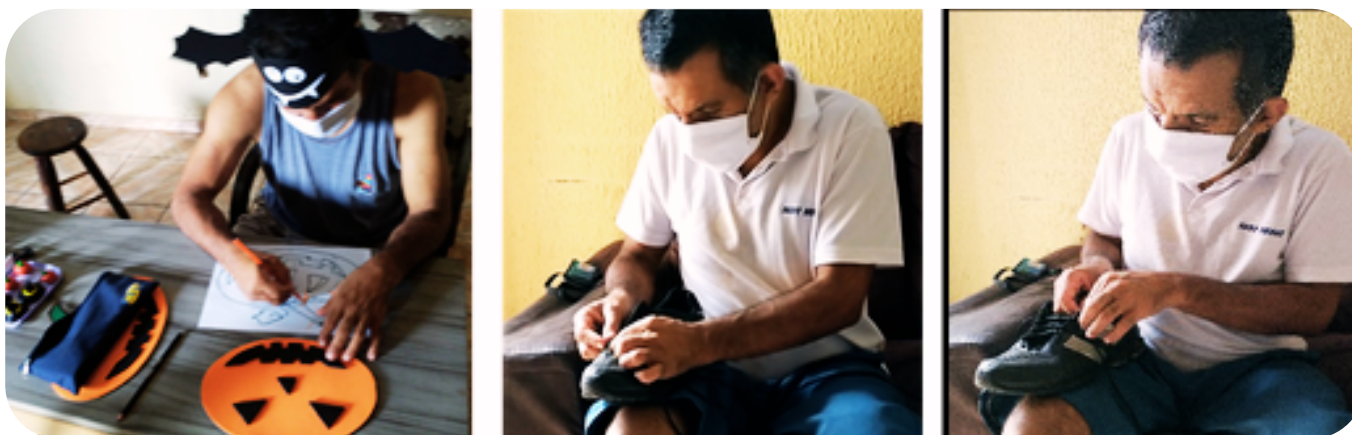


Fonte: arquivo pessoal

Assim, continuamos o segundo semestre de 2020, executando as atividades propostas pelos professores regentes, atividades de matemática, português, educação física, artes e outras.

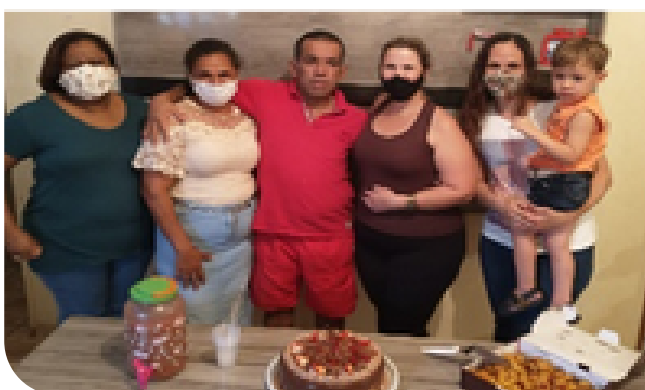
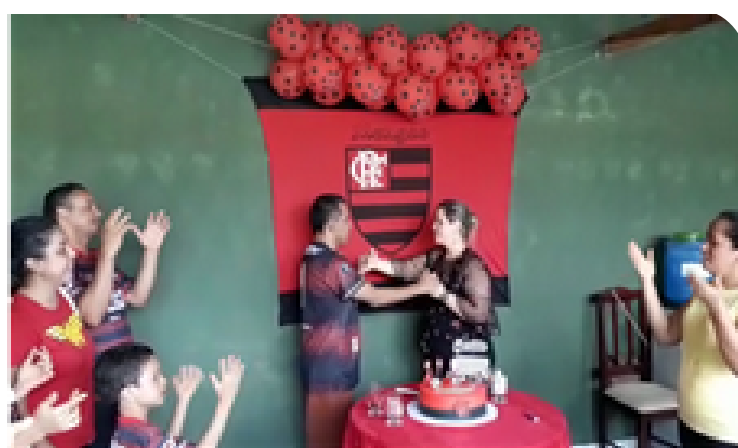
Após a pandemia, o estudante retornou a escola, momento em que foi necessário um novo recomeço, porém eu não estava com ele. Em 2022, nos encontramos novamente como estudante e guia-intérprete, na mesma escola, ainda estava retido na 6ª etapa da EJA. Então começamos a trabalhar com objetivo de avançar para a 7ª etapa, tivemos vários desafios, mas conseguimos. Atualmente, encontra-se na 7ª etapa de EJA Interventiva evoluindo cada dia mais, dentro das suas possibilidades, onde há erros, acertos e mudanças de estratégias.

Figura 11: registro de atividades



Fonte: arquivo pessoal

Figuras 12 e 13: registros de atividades sociais, aniversário.



Fonte: arquivo pessoal

Suas possibilidades em aprender não se diferem de outras ditas com desenvolvimento normal, somente precisam de um tempo maior para aprender.

Quando fazes o melhor que podes, nunca sabes qual milagre é forjado na tua vida, ou na vida do outro.

Helen Keller

"A família é a base de tudo. O apoio que você precisa, as palavras de incentivo, carinho e amor. Não pedem nada em troca, fazem sempre de coração".

Amanda Thomé

Figura 13: família



Fonte: arquivo pessoal



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Reafirma-se a necessidade de mais estudos nessa área com vistas inclusive a fundamentar a preparação de novos profissionais da educação para trabalhar com as pessoas que possuem múltipla deficiência sensorial e estão em processo de envelhecimento. É importante destacar que cada estudante, independentemente de qualquer deficiência, tem um perfil único, com habilidades e dificuldades em determinadas áreas. No entanto, algumas características associadas à surdocegueira merecem a atenção de pais, familiares, professores e profissionais da área, como o aprendizado em um ritmo mais lento e algumas dificuldades ao realizar as atividades propostas

Toda pessoa, criança, adolescente ou adulto deve poder se beneficiar de uma formação concebida para responder às suas necessidades educativas fundamentais. Estas necessidades dizem respeito aos instrumentos essenciais de aprendizagem (leitura, escrita, expressão oral, resolução de problemas) conteúdos educativos fundamentais (conhecimentos, aptidões, valores e atitudes) de que o ser humano tem necessidade para sobreviver. Além disso, desenvolver todas as suas faculdades para viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do próprio desenvolvimento, melhorar a qualidade de existência, tomar decisões esclarecidas e continuar a aprender. (Relatório da UNESCO, p. 107, Citado por MEDEIROS; MORAES e SOUZA, 2008, p. 64).

Podemos concluir que a inclusão escolar é processo educacional inegável e desejado. Sendo uma diretriz constitucional (Art. 208 III), considera-se que ela “ainda não produz uma mudança necessária na realidade escolar”. A diretriz estabelece que as crianças, jovens e adultos com necessidades especiais devem ser atendidas em escolas regulares. Ressalte-se que “esse atendimento deverá acontecer sempre que for recomendado pela avaliação de suas condições especiais” (PNE, 2001, citado por MEDEIROS; MORAES e SOUZA, 2008).



7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CADER-NASCIMENTO, Fatima A. A. A.. **Surdocegueira e os desafios da escrita**. Curitiba: CRV, 2021. 112p.
- CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel; FAULSTICH, Enilde. Expressão linguística e a produção escrita de surdocegos. **MOARA Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3710>>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary L. E.; **Esclarecendo as deficiências: Aspectos teóricos e práticos para contribuição com uma sociedade inclusiva**. São Paulo, SP: Ciranda Cultural, 2008.
- LIMA, Niusarete M. de. **Pessoa portadora de deficiência: série Legislação em Direitos Humanos. Subsérie Pessoa Portadora de Deficiência**. Brasília, DF: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2001.
- MADEIROS, Isabel Letícia; MORAIS, Salete Campos de; e SOUZA, Magali Dias de (Org.). **Inclusão Escolar: Práticas e teorias**. Porto Alegre, RS: Redes Editora, 2008.
- GÓMES, Ana Maria Salgado e TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de Aprendizagem: Detecção e estratégias de ajuda**. Tradução e Adaptação: Adriana de Almeida Navarro. SP, Edição MMIX, Cultural RBL, 2009.
- MCINNES, J. M. (org.). **A guide to planning and support for individuals who are deafblind**. Canadá: University of Toronto Press Incorporated. 1999.
- MCLEITCHIE, B. A. B.; RIGGIO, M. **Competências para professores de alunos com surdocegueira**. In: Masini, E. F. S. (org). Do sentido... pelos sentidos... para o sentido. São Paulo: Vetor editora, 2002.
- ARAUJO, Hélio Fonseca de. **Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com Surdocegueira**. Petrópolis, Arara Azul, 2019.

COMO CITAR

ARAUJO, Marineide de Castro Pinheiro. Os efeitos da intervenção pedagógica no bem-estar de um estudante surdocego com doença mental. In: **Sala de Recursos Revista**. Brasília, v. 4, n. 2, p. 33-50, Julho - Dezembro, 2023.
Disponível em: <>. Acesso em:





Artigo

O QUE NÃO PODE FALTAR EM UMA SALA DE RECURSOS

Eliane Maria dos Santos Lima

Especialista em Língua Brasileira de Sinais



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

leia



O QUE NÃO PODE FALTAR EM UMA SALA DE RECURSOS

Eliane Maria dos Santos Lima

1. RESUMO

A Educação, nos dias atuais, tem como objetivo central uma abordagem inclusiva, almejando assegurar acesso igualitário e equitativo a todos os estudantes, independentemente de suas características individuais, habilidades ou Necessidades Educacionais Especiais - NEE. O grande propósito educacional consiste em promover ambientes de aprendizagem diversificados e acolhedores, nos quais os estudantes são valorizados em função do seu desenvolvimento biopsicossocial.

Essa abordagem reconhece a diversidade humana como um aspecto enriquecedor do processo educacional, buscando eliminar barreiras para a aprendizagem e participação de todos. Sendo assim, são fundamentais práticas pedagógicas inclusivas, as quais ofereçam suporte individualizado às necessidades particulares e aos estilos de aprendizagem de cada aluno.

Entretanto, os avanços nesta área nos apresentam desafios significativos. A carência de recursos adequados para a implementação do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a falta de interesse de muitos gestores na criação de Salas de Recursos Multifuncionais são obstáculos a serem enfrentados. Portanto, o escopo desta reflexão é colocar em evidência o que não pode faltar em uma sala de recursos, se o que se deseja é melhorar a qualidade do atendimento educacional especializado e ampliar a oferta do serviço.

Palavras-chave:

Identificação. Sala de Recursos. Recursos didáticos. AEE.

figura 1: Foto da autora



Fonte: arquivo pessoal

Eliane Maria dos Santos Lima: é Especialista em Língua de Sinais do Brasil. Possui graduação em Pedagogia e Letras e é graduanda em Letras Libras. Tem formação complementar em Alfabetização de Estudantes com Deficiência, curso em ABA e em Atendimento Educacional Especializado em tempos de Pandemia. Possui experiência em interpretação e tradução em Língua Brasileira de Sinais e na coordenação de programas de alfabetização de jovens e adultos, tendo sido professora do ensino regular da rede pública e privada do município de Cumaru-PE.
<http://lattes.cnpq.br/420391272123122>



2. INTRODUÇÃO

As Salas de Recursos Multifuncionais - SRM foram instituídas pelo MEC/SEESP por meio da Portaria nº 13/2007, passando a consubstanciar o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. A medida atribui recursos técnicos e financeiros aos sistemas de ensino, garantindo um dos seus principais serviços: a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE aos estudantes da educação básica público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva.

As SRM tornaram-se um divisor de águas em relação à efetivação da Educação Inclusiva em nosso país. Com sua implementação, a escola transformou-se em um espaço com capacidade para atender às necessidades do público da educação especial, possibilitando não apenas a aprendizagem, mas também o pertencimento desses estudantes. Este deveria ser um cenário efetivado desde a Constituição Federal de 1988; no entanto, a partir de 2007, com a implantação desses espaços, preferencialmente na rede regular de ensino, passamos a assegurar e promover acesso, permanência e autonomia aos estudantes público-alvo da Educação Especial matriculados nas redes regulares de ensino.

Contudo, mesmo diante dessa implementação, o Censo Escolar (INEP, 2022) revela um agravante em relação a esse processo de inclusão educacional. Das 123 mil escolas com matrículas de estudantes da Educação Especial, apenas 37 mil dispõem de Salas de Recursos Multifuncionais, dificultando a potencialização do ensino dos estudantes com deficiência, Altas Habilidades, Superdotação e TEA no que diz respeito à promoção do seu acesso, aprendizagem e permanência no ensino regular.

A situação se torna mais desafiadora quando se sabe que a acessibilidade à educação é crucial para todos os estudantes, sendo de suma importância trabalhar para garantir que todos tenham acesso e suporte a um ambiente inclusivo. Nesse sentido, outro dado relevante apontado pelo Censo Escolar de 2022 é que dos 1 milhão e 700 mil estudantes da Educação Especial - EE, somente cerca de 35% têm acesso ao Atendimento Educacional Especializado - AEE, o principal serviço de apoio à inclusão.

A situação descrita é preocupante, evidenciando uma disparidade significativa entre a garantia de educação para todos e a oferta de serviços que efetivem esse direito. Apenas cerca de 35% dos estudantes da EE dispõem de recursos que ampliem suas condições de acesso ao currículo educacional. Portanto, diante de nossos desejos de implementação permanente dessa educação, seria necessário e urgente o compromisso dos governos federal, estadual e municipal para implementar as SRM e garantir o principal instrumento de inclusão do nosso público-alvo.

Censo Escolar de 2022 é que dos 1 milhão e 700 mil estudantes da Educação Especial, somente cerca de 35% têm acesso ao Atendimento Educacional Especializado



3. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, ancorada no conjunto legislativo referente à implementação das salas de recursos como estruturas físicas para a execução do Atendimento Educacional Especializado (AEE), propôs-se a investigar a dinâmica, os processos e os recursos envolvidos na criação e manutenção dessas salas. O objetivo principal é compreender a complexidade que permeia a montagem desses ambientes e, a partir desse entendimento, sustentar o papel crucial e criativo do professor especialista em educação especial no funcionamento desses espaços destinados ao atendimento de alunos com deficiência, com especial ênfase na inclusão social e no processo de aprendizagem.

Na busca por uma compreensão aprofundada, a pesquisa explora as nuances legais que orientam a criação das salas de recursos, considerando não apenas a normativa, mas também sua aplicabilidade na prática educacional. Investigando os processos envolvidos na montagem desses espaços, o estudo procura identificar possíveis desafios e obstáculos enfrentados pelos profissionais e pelas instituições de ensino, visando assim propor soluções que possam otimizar a eficácia dessas salas no contexto educacional inclusivo.

O foco especial recai sobre o papel do professor especialista em educação especial, cujo papel transcende o tradicional. Sua atuação não se limita apenas à aplicação de técnicas pedagógicas convencionais, mas envolve um aspecto criativo fundamental na adaptação social dos alunos com deficiência. A pesquisa busca destacar como esse profissional desempenha um papel crucial na criação de estratégias personalizadas para promover a inclusão, melhorar a experiência de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento global dos alunos envolvidos.

Portanto, por meio desta pesquisa, pretende-se não apenas compreender a dinâmica das salas de recursos, mas também evidenciar o potencial transformador que o professor especialista em educação especial desempenha nesses espaços, influenciando positivamente o ambiente educacional inclusivo, proporcionando não apenas adaptação, mas também crescimento e aprendizado significativo para todos os alunos.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 A implementação das Sala de Recursos Multifuncional - SRM. Portaria nº 13/2007

As Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) foram estabelecidas pelo MEC/SEESP, por meio da Portaria nº 13/2007, tornando-se parte integrante do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Esta medida, envolveu a alocação de recursos técnicos e financeiros nos sistemas de ensino, assegurando um dos serviços essenciais: a disponibilização do Atendimento Educacional Especializado (AEE) aos estudantes da educação básica, público-alvo da Educação Especial, sob uma perspectiva inclusiva.



Ao analisar a mencionada portaria, é possível compreender os fundamentos que orientaram a concepção do programa para a instalação das salas de recursos multifuncionais.¹ a saber: foi criado com o intuito de dar suporte aos sistemas públicos de ensino na organização e oferta do atendimento educacional especializado, contribuindo para fortalecer o processo de inclusão nas classes regulares. Essas salas, equipadas com recursos como informática, ajudas técnicas, materiais pedagógicos adaptados e mobiliário específico, têm como objetivo atender às necessidades educacionais especiais dos alunos. A responsabilidade pelo desenvolvimento do Programa é atribuída à Secretaria de Educação Especial. Quanto aos recursos financeiros, estes serão provenientes das dotações anuais consignadas ao Ministério da Educação.

A natureza centralizadora do programa, sob o ponto de vista da execução, inclusive financeira, constituiu um entrave operacional, considerando não só as diversidades regionais, bem como o trâmite burocrático inerente à administração pública.

3.2 A Resolução Nº 15, de 07 de outubro de 2020

A partir da Resolução nº 15, de 07/10/2020² - FNDE/MEC, para implementação das salas de recursos multifuncionais, o MEC pré-seleciona as escolas de acordo com o número de estudantes público-alvo da Educação Especial matriculados, observando o Censo Escolar e levando em conta os limites orçamentários. As escolas pré-selecionadas são ratificadas pelas respectivas secretarias de educação: estaduais, municipais ou distrital, conforme a dependência administrativa. No termo de adesão, secretarias de educação declaram que a escola possui espaço adequado, destinado à utilização dos materiais pedagógicos e equipamentos, conta com a presença de profissional com formação em Educação Especial, para coordenar o AEE, ou profissional com formação em educação bilíngue libras/língua portuguesa, se a sala for destinada ao AEE bilíngue. A adesão é confirmada com o envio do Plano de Atendimento (PA), onde as escolas apresentarão o plano para implantação de uma nova SRM ou adequação de SRM já existente, por meio do Sistema PDDE Interativo do MEC. Os recursos federais chegam na escola nos moldes do Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE e 20% podem ser aplicados em custeio e 80%, em capital.

Art. 1º Destinar os recursos financeiros, nos moldes operacionais e regulamentares do Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE, às escolas públicas das redes municipais, estaduais e do Distrito Federal de Educação Básica para fins de promoção da acessibilidade das salas de recursos multifuncionais específicas ou bilíngues de surdos destinadas ao processo de ensino-aprendizagem, por intermédio de suas Unidades Executoras Próprias - UEx, para cobertura de despesas de custeio e capital.

¹ Dispõe sobre a criação do "Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais

² Dispõe sobre a destinação de recursos financeiros para equipar salas de recursos multifuncionais e bilíngues de surdos, destinadas ao atendimento educacional especializado, visando à aquisição ou adequação de itens que compõem essas salas, nos moldes operacionais e regulamentares do Programa Dinheiro Direto na Escola, às escolas públicas municipais, estaduais e do Distrito Federal da Educação Básica, em conformidade com o Programa Escola Acessível.



Ademais, de acordo com o parágrafo único:

Os recursos financeiros de que trata o caput serão liberados em favor das UEx das escolas pré-selecionadas pela Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação do Ministério da Educação – SEMESP/MEC e ratificadas pelas secretarias de educação dos municípios, estados e do Distrito Federal às quais se vinculam, de acordo com os critérios de priorização do Programa Escola Acessível.

Quanto à execução dos recursos e ao montantes repassados, os critérios seguem o quantitativo de alunos matriculados na unidade escolar, conforme descrito no Art. 7º da mesma resolução:

O montante a ser destinado a cada escola indicada na relação referida no art. 1º desta Resolução, na proporção de 80% de capital e 20% de custeio, será calculado tomando como parâmetros os intervalos de classe de número de estudantes matriculados na unidade educacional extraído do Censo Escolar do ano anterior ao do repasse, e os correspondentes valores, conforme a tabela de referência abaixo:

Intervalo de Classe de Número de Estudantes	Valor do Repasse (R\$)
Até 30 alunos	20.000,00
31 a 80 alunos	32.000,00
Acima de 80 alunos	45.000,00

Além do mais, as instituições selecionadas precisam seguir passos importantíssimos como:

- estar regularizada junto ao FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), órgão responsável pela a gestão do PDDE;
- possuir CNPJ atualizado;
- adequação aos critérios estabelecidos para a validação do PDDE;
- adesão e cadastro do programa pelo o gestor do município (Prefeito);
- seleção das escolas necessitadas de acordo com os critérios do programa;
- o AEE deve estar institucionalizado no Projeto Político Pedagógico da escola.
- elaboração do Plano de Atendimento PA, por parte da escola;
- a escola precisa estar devidamente registrada no Censo Escolar MEC/INEP;
- espaço adequado, destinado à utilização dos materiais pedagógicos e equipamentos;
- acompanhar os prazos estabelecidos;
- realizar a prestação de contas.



3.3 Conhecendo uma Sala de Recursos Multifuncional - SRM

Muitas escolas mantêm as salas de recursos em conformidade com os modelos **Tipo I e Tipo II**, distribuídos durante a fase inicial do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais em 2008. Vale ressaltar as alterações, previamente mencionadas, introduzidas pela Resolução N° 15, de 07 de outubro de 2020.

SRM Tipo I:

Nº	Equipamentos	Nº	Mobiliários	Nº	Recursos pedagógicos
02	Microcomputadores	01	Mesa redonda	01	Material dourado
02	Laptop	04	Cadeiras	01	Esquema corporal
03	Estabilizador	01	Mesa para impressora	01	Bandinha Rítmica
04	Scanner	01	Armário	01	Memória de numerais I
05	Impressora laser	01	Quadro branco	01	Tapete alfabético encaixado
06	Teclado com colmeia	02	Mesas para computador	01	Software Comunicação Alternativa
07	Acionador de pressão	02	Cadeiras	01	Sacolão Criativo Monta tudo
08	Mouse com entrada para acionador			01	Quebra cabeça – sequência lógica
10	Lupa eletrônica			01	Dominó de associação de ideias
				01	Dominó de frases
				01	Dominó de animais em Libras
				01	Dominó de frutas em Libras
				01	Dominó Tátil
				01	Alfabeto Braille
				01	Kit de lupas manuais
				01	Plano inclinado – Suporte para leitura
				01	Memória tátil

Fonte: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/salasmultifuncionais.pdf>>

A partir da Resolução nº 07/10/2020, as unidades escolares aderem ao programa ao enviar um Plano de Atendimento (PA) por meio do Sistema PDDE Interativo. Por meio desse sistema, o o Mec divulga a listagem das escolas pré-selecionadas, considerando os limites orçamentários, levando em conta o número de estudantes público-alvo da Educação Especial...



A SRM **Tipo II**: além do mobiliário e recursos da SRM Tipo I, são compostas de materiais específicos para estudantes com deficiência visual:

SRM Tipo II:

Nº	Equipamentos
01	Equipamento e materiais didáticos pedagógicos
01	Impressora Braille – pequeno porte
01	Máquina de datilografia Braille
01	Reglete de mesa
01	Punção
01	Soroban
01	Guia de Assinatura
01	Kit de Desenho Geométrico
01	Calculadora Sonora

Fonte: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/salasmultifuncionais.pdf>>

4. RESULTADOS: A tarefa e a criatividade do professor especialista

Avançamos para examinar outra etapa crucial desse processo: a contratação de profissionais especialistas em educação especial para a prestação do Atendimento Educacional Especializado. De acordo com o Art 12 Resolução CNE/CEB 4/2009 de 05/10/2009: “Para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica para a Educação Especial.” Já o Art. 13 da mesma Resolução deixa claro as atribuições conferidas ao professor do Atendimento Educacional Especializado, são elas:

- I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;
- IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;
- V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;
- VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;
- VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares.

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



Ora, se os recursos são insuficientes para atender à demanda nacional, e se o amparo do programa não alcança a todos, como evidenciado no escopo da RESOLUÇÃO Nº 15, DE 07 DE OUTUBRO DE 2020 - MEC, qual seria a solução? Os estudantes permanecem com os direitos garantidos pela legislação, mesmo que não haja alocação orçamentária específica suficiente, ou seja, seus direitos estarão sendo desrespeitados.

Haja visto, o enorme e consistente desafio do sistema educacional pernambucano, seja no quadro municipal ou estadual, há muito ainda o que ser feito e deve ser feito com a criatividade e a originalidade do professor especialista em AEE. Abaixo relacionamos algumas FRAGILIDADES que precisam SER ENFRENTADAS a fim de SE PROMOVER mais equidade ao modelo educacional inclusivo do Estado de Pernambuco:

- exclusão;
- clareza quanto ao público alvo da Educação Especial;
- AEE caracterizado como reforço escolar;
- ausência planejamento estratégico a fim de promover a formação continuada e o treinamento dos professores especialistas;
- falta de ações afirmativas a fim de garantir políticas públicas que de fato coloque a Educação Especial em uma perspectiva inclusiva;
- infraestrutura inadequada;
- recursos limitados ou ausência total dos mesmos.

Nesse cenário, torna-se imperativo aplicar a criatividade para aprimorar a qualidade do serviço oferecido aos estudantes por meio de recursos alternativos desenvolvidos no âmbito escolar. Sem dúvida, essa é a responsabilidade do professor especialista em educação inclusiva, especialmente quando há escassez de recursos financeiros, materiais, entre outros. Na verdade, o que não pode faltar na Sala de Recursos. Porém, os RECURSOS disponibilizados não alcançam a extensão do território, NEM DA NECESSIDADE, para garantir acesso aos bens e serviços inerentes ao AEE, OS QUAIS serão supridos com a originalidade e a vocação investigativa do professor. É necessário caminhar em frente, fortalecendo os espaços que já nos foram garantidos, com muita criatividade.

Com a SRM implementada e o professor habilitado, vamos selecionar 10 ferramentas que não podem faltar na Sala de Recursos Multifuncionais:

- mapeamento de estudantes público alvo da Educação Especial;
- recursos tipo I e II;
- acessibilidade;
- adequação espacial;
- pranchas de CAA;
- jogos pedagógicos acessíveis;
- profissionais especialistas;
- plano de Desenvolvimento Individualizado PDI;
- institucionalização do AEE no Projeto Político Pedagógico da escola.



A seguir, sugerimos outros itens importantes para a SRM: Muitas escolas ainda têm as salas de recursos nos modelos Tipo I e Tipo II, conforme eram distribuídas na primeira etapa do Programa. Com os seguintes recursos, confeccionados a partir da prática, aspiramos contribuir para melhorar a qualidade do AEE, servindo melhor às crianças que deste serviço dependem para a sua promoção social.

figura 2 : Alfabeto Braille: Confeccionado com folhas de papelão e tampinhas de garrafa pet.



figura 3: Caixa sensorial: Montada com caixa de papelão e ornamentada com E.V.A



figura 4: Jogo pedagógico: Confeccionado com pedaços de cartolina e palitos de picolé



figura 5: Atividade montada com pedaços de madeira e barbante, com objetivo de trabalhar coordenação motora grossa.



figura 6 : Atividade estruturada com caixas de ovos, para trabalhar as cores.



figura 7: Atividade de associação e identificação dos números, confeccionada com placas de papelão, fita, tampinhas de garrafa, bolinhas de E.V.A e prendedor de roupa.

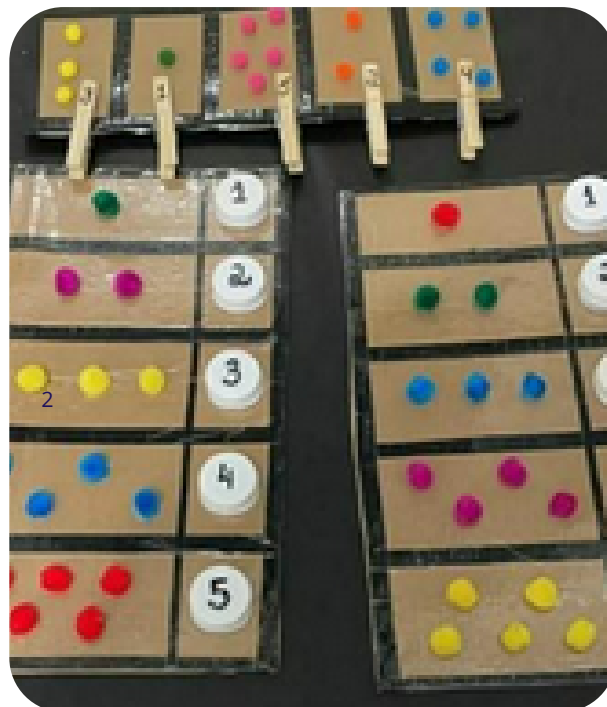


figura 7: Jogo pedagógico: Confeccionado com pedaços de cartolina e palitos de picolé

figura 8: Atividade estruturada com caixas de fósforo e folha de ofício.



“Nesse cenário, torna-se imperativo aplicar a criatividade para aprimorar a qualidade do serviço oferecido aos estudantes por meio de recursos alternativos desenvolvidos no âmbito escolar.”

figura 7 : Atividade estruturada com caixas de ovos, folha de ofício e palito de pirulito.

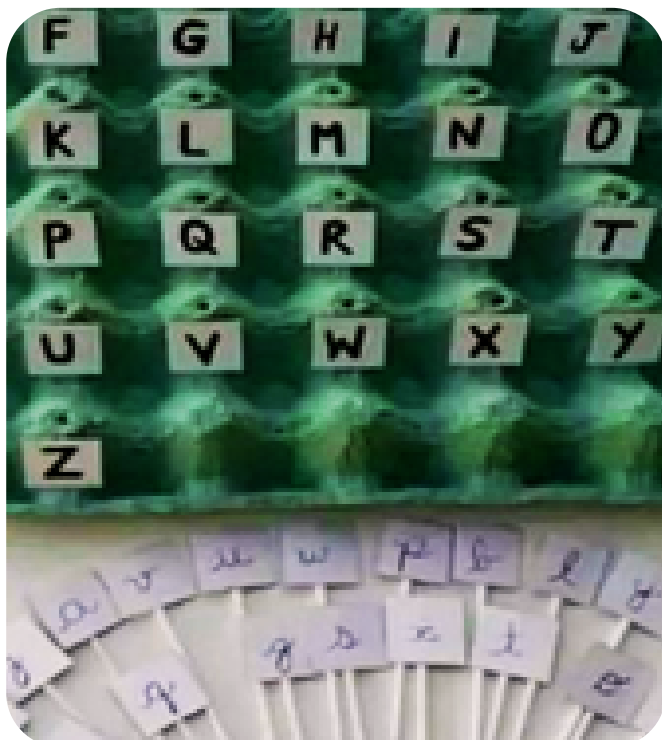


figura 9: Atividade de pareamento e identificação das cores, confeccionada com pedaços de E.V.A e fita.

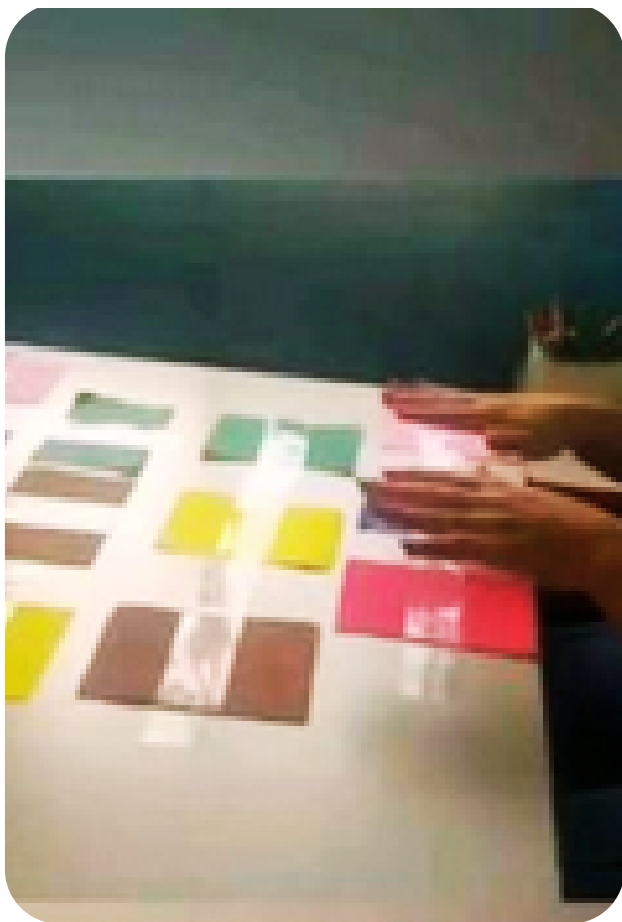


figura 8: Atividade montada com placas de papelão e tampinhas de garrafa.



figura 10: Atividades de Comunicação Aumentativa e Alternativa – CAA entre outras confeccionadas com papel ofício e plastificadas com máquina plastificadora, porém na ausência da plastificadora você pode usar fita envolto de toda a atividade e terá um efeito parecido com a mesma plastificada, aumentando também a sua durabilidade.



figura 11: Atividade confeccionada com cartolina dupla face.

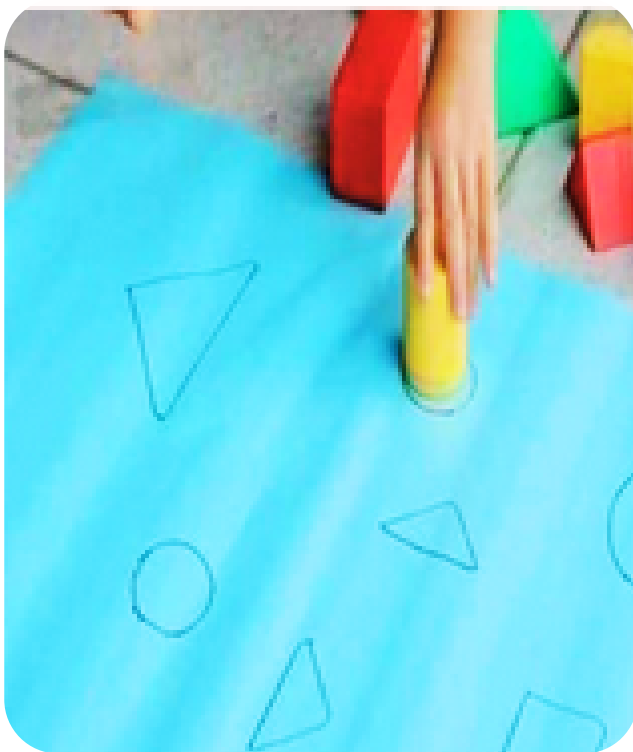


figura 12: Atividade confeccionada com placa de papelão, pedaços de E.V.A e copos descartáveis.



figura 13: Atividade confeccionada com placas de papelão, com o objetivo de trabalhar os números.

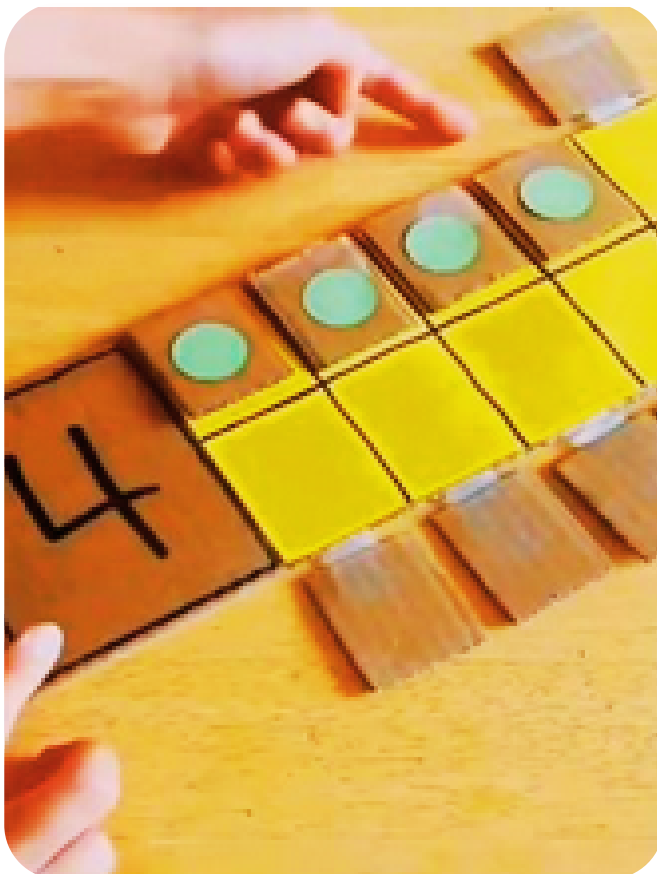


figura 14: Atividade estruturada com folhas de papel ofício, que você pode plastificar para ter uma maior durabilidade da mesma.

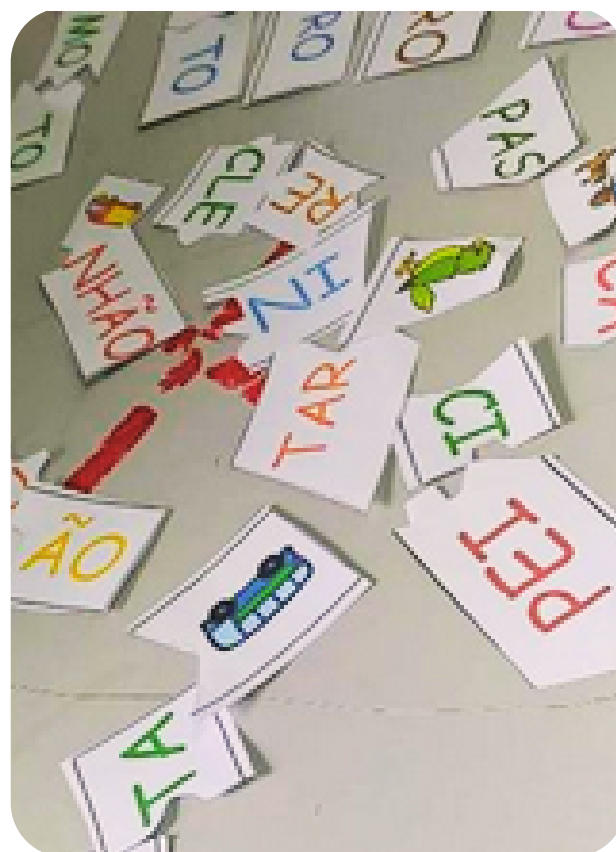


figura 15: Atividade estruturada com caixa de ovos e bolas de isopor para trabalhar identificação e associação das cores.



figura 16: Atividade montada com caroços de milho de estruturas e tamanhos diferentes para trabalhar com alunos cegos diferentes texturas e tamanhos.



figura 17: Atividade montada com placas de papelão para trabalhar os números.

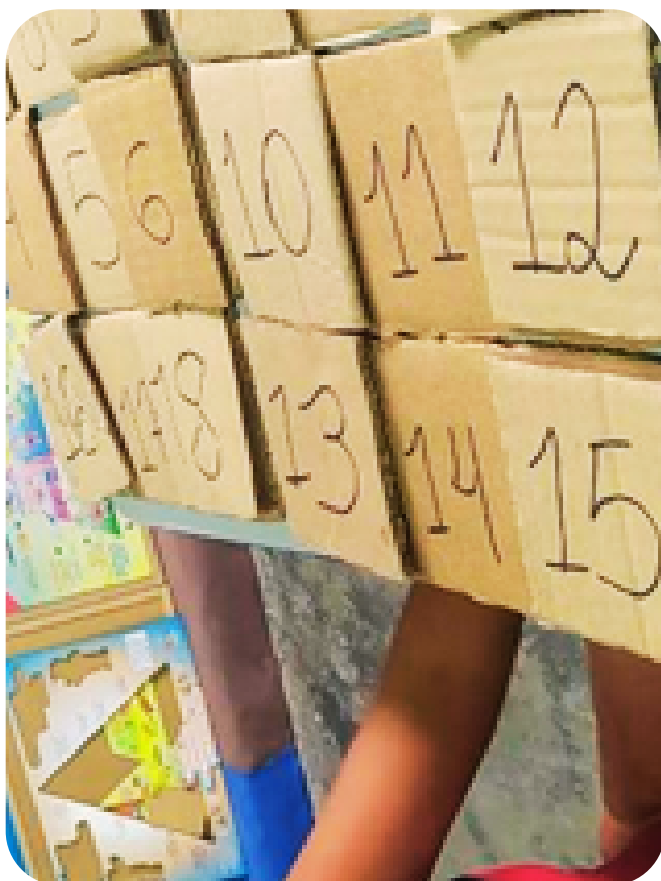


figura 18: Atividade estruturada com arroz e um dado construído com folha de papel ofício para trabalhar as vogais.



Fonte: todas figuras pertencem ao arquivo pessoal da professora Eliane Maria dos Santos Lima
SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Assim, apresento a todos que lerem esta breve produção apenas um pouco da minha trajetória atuando como professora de Sala de Recursos Multifuncionais. Diante de todos os recursos utilizados arrolados no escopo do artigo, também trabalho com:

- Rolos de papel higiênico.
- Garrafa pet.
- CDs (Já realizei oficinas de CDs).
- Embalagens de leite, produtos de limpeza etc..

São tantos os recursos de baixa tecnologia que corroboram significativamente com a garantia de acesso dos nossos estudantes à educação e que talvez outras tantas páginas escritas ainda não seriam suficientes para descrevê-los. Todavia, não podemos jamais deixar de lado a responsabilidade do poder público com relação à garantia de recursos de alta tecnologia que juntam-se aos demais nestes espaços, com o intuito de promover uma educação acessível a todos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008**. Disponível em: www.mec.gov.br/seesp Acesso em: 20. dezembro. 2023.

_____, Presidência da República. **Decreto nº 6.751, de 17 de março de 2008**. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art.60 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto n. 6.253, de 13 de novembro de 2007. Diário Oficial da União, Brasília, nº188, 15 de dezembro de 2023. Seção 01.p.26.

_____, Presidência da República. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Diário Oficial da União, Brasília, nº163, 20 de dezembro de 2023. Seção 01.p.3.

_____, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 04**, de 02 de outubro de 2009. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Modalidade Educação Especial. Diário Oficial da União Brasília, nº190, 20 de dezembro de 2023. Seção 01.p.17.

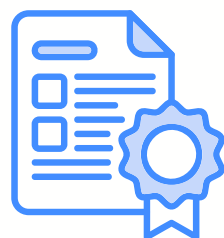
_____, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Nota Técnica nº11 de 2010**. Dispõe sobre Orientações para a institucionalização da oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE em Salas de Recursos Multifuncionais, implantadas em escolas regulares. Disponível em: www.mec.gov.br/seesp. Acesso em: 23 de dezembro de 2023.

CÓMO CITAR

LIMA, Eliane Maria dos Santos. O que não pode faltar em uma sala de recursos. In: **Sala de Recursos Revista**. Brasília, v. 4, n. 2, p. 51-65, Julho - Dezembro, 2023.

Disponível em: <>. Acesso em:





EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Danielle Costa Cavalcante

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



MÚSICA, DEDILHADOS E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Danielle Costa Cavalcante Silva

1 .RELATO

O presente relato apresenta a minha experiência e interação com a música e seus reflexos na minha jornada acadêmica e profissional. Desde a minha infância, a música faz parte dos meus dias: meu pai é músico e, nas minhas memórias, eu me lembro de acordar pelas manhãs com o seu dedilhado ao violão. Eu tenho uma irmã gêmea e gostávamos de cantar, eu no soprano e ela no contralto. Nós tínhamos o privilégio de sermos acompanhadas por nosso pai ao violão, nos orientando e nos apresentando uma iniciação musical formativa, salientando a importância da afinação e de cadência na música. Por termos uma genética bem próxima, a harmonia de nossas vozes nos fez desenvolver uma sincronia e assim fui me envolvendo na música, participando em grupos na igreja tanto no louvor como em coro.

A minha primeira formação acadêmica foi em Administração com especialização em Marketing, quando tive a oportunidade de aplicar esses conhecimentos trabalhando na área administrativa em um banco. Após me casar, mudei meu domicílio para Porto Velho - RO e a música continuou fazendo parte do meu dia a dia na minha casa com meu marido, que também é músico, e na igreja que frequentávamos. Nesse período fui convidada a fazer parte do coral da empresa Guascor e também no coral do Ministério Público de Rondônia quando comecei a entrar na música de uma maneira mais aprofundada, principalmente, no canto coral popular. Participei de várias apresentações, de gravação de CDs, e em paralelo com o coral, gravei jingles comerciais publicitários. Aprendi muito com essas experiências e comecei a ter um olhar mais profissional para a área musical.

figura 1: Foto da autora



Danielle Costa Cavalcante Silva : 2007 - Graduação em Administração (Bacharel) Faculdade Latino Americana 2017- Graduação em Pedagogia (Licenciatura) Faculdade de Educação Regional Serrana 2019 - Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica Faculdade Brasileira de Educação e Cultura - FABEC 2023 - Graduação em Música (Licenciatura) Universidade de Brasília - UNB

Fonte: arquivo pessoal



Depois de residir por cinco anos em Porto Velho, decidimos regressar a Anápolis. Retomei minha atuação na área administrativa e, posteriormente, submeti-me a um concurso na área educacional, obtendo êxito e iniciando uma nova fase profissional em uma instituição educacional onde prestava suporte em atividades destinadas a crianças com deficiência. Nesse momento, surgiu a necessidade de realizar outra graduação, quando cursei e me graduei em pedagogia. Após esse curso, fiz uma especialização em psicopedagogia institucional e clínica.

Em razão do bom desempenho apresentado na prática docente, em 2018, fui convidada a desenvolver um trabalho pedagógico musical no Centro de diversidade do município de Anápolis (CEMAD), onde são atendidas crianças com deficiências, transtornos e dificuldades de aprendizagem. Lá surgiu a oportunidade de fazer um projeto de educação musical na educação inclusiva. Logo após estar trabalhando nesse projeto, tive a oportunidade de realizar uma nova formação acadêmica no curso de música pela Universidade de Brasília - UNB, quando fui apresentada a uma formação específica e de qualidade que abriu novos horizontes sobre a música e sua pedagogia..

Na minha jornada de trabalho com crianças com deficiência, transtornos e dificuldade de aprendizagem, surgiu a possibilidade de colocar em prática os conceitos adquiridos, com metodologia e propósitos. Assim, o projeto na inclusão do público trabalhado foi um sucesso e, conseqüentemente, encontrei minha grande paixão: Educação Musical Especial e Inclusão.

A experiência vivenciada no CEMAD em Anápolis representa um verdadeiro marco na abordagem inclusiva da educação musical, onde cada nota, cada ritmo, transcende a mera melodia para se tornar uma ponte de conexão e desenvolvimento para crianças com deficiências, transtornos e dificuldades de aprendizagem. Como professora de educação musical, mergulhei em um universo desafiador e enriquecedor, onde a música não apenas ecoa nos corações, mas também molda mentes, desbrava limitações e revela potenciais antes inexplorados.

O trabalho desenvolvido no CEMAD vai além do simples ensino de notas e compassos. É uma jornada que busca desvendar os segredos da música enquanto desvenda os véus que encobrem as habilidades das crianças. Cada atendimento não se limita a uma aula, mas é uma experiência de descoberta mútua, onde eu aprendo tanto quanto ensino.

As características desse trabalho refletem uma abordagem holística da educação musical, que não apenas ensina a conhecer a música, mas também promove o desenvolvimento de habilidades fundamentais. Desde a concentração e atenção até a coordenação motora fina, cada acorde, cada movimento, é uma oportunidade para as crianças explorarem seus próprios limites e, muitas vezes, descobrirem que esses limites podem ser transcendidos.

A música serve como um elo universal, uma linguagem que vai além das barreiras sensoriais e cognitivas. Para as crianças cegas, ela é uma pintura de sons, uma paisagem de emoções que se desdobra em sua mente. Para as crianças surdas, é uma vibração que transcende o silêncio, uma pulsação que se sente no âmago. Para as crianças autistas, é uma ordem no caos, uma sequência que traz sentido ao mundo. E para todas as outras crianças, é



um convite para se expressarem, se conectarem e se desenvolverem.

A música não apenas ensina, mas cura. Ela é uma terapia que penetra nas profundezas da alma, acalma as tempestades interiores e abre janelas para a esperança. No CEMAD, testemunhei os sorrisos que surgem timidamente, os olhos que brilham com cada nova conquista e os corações que se enchem de alegria ao descobrir sua própria voz, sua própria melodia.

Nesse contexto, a educação musical se torna mais do que uma disciplina; é uma ferramenta de empoderamento, um instrumento de transformação. É um lembrete de que cada criança, independentemente de suas limitações, é uma sinfonia única, uma obra-prima em constante evolução. Nas minhas aulas, a música não é apenas ensinada, é vivida. Ela ressoa nas paredes, ecoa nos corredores e se infiltra nos corações de todos os envolvidos. E enquanto conduzo essas crianças em sua jornada musical, percebo que, na verdade, somos todos aprendizes nesse concerto da vida, onde cada nota, cada acorde, nos lembra da beleza da diversidade e do poder transformador da música.

As características desse trabalho refletem uma abordagem holística da educação musical, que não apenas ensina a conhecer a música, mas também promove o desenvolvimento de habilidades fundamentais.

Desde a concentração e atenção até a coordenação motora fina, cada acorde, cada movimento, é uma oportunidade para as crianças explorarem seus próprios limites e, muitas vezes, descobrirem que esses limites podem ser transcendidos.

Danielle Costa Cavalcante Silva



2. REGISTRO ICONOGRÁFICO

Aula: As notas musicais - As notas musicais são a base da linguagem da música, permitindo a comunicação de sons e melodias. (nas fotos 1, 2 e 3, estão alunos encaixando as notas através dos bonequinhos de encaixe. Cada boneco tem uma nota musical).



Fonte: arquivo pessoal

Nas fotos 4 e 5, os alunos estão tocando uma música através de uma partitura não convencional. Cada nota possui uma cor, tanto na partitura como nas teclas do teclado.



Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

Nas fotos 6 e 7, os alunos estão praticando a leitura rítmica, envolvendo atividades práticas para compreender os padrões temporais da música.



Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

Nas fotos, 8, 9, 10 e 11 os alunos estão aprendendo com os sinos musicais, utilizando esses instrumentos para compreender conceitos musicais, praticar harmonias e desenvolver habilidades auditivas e de coordenação.



Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

Na foto12, o aluno está aprendendo o conceito de som longo e curto através de massinha de modelar. Moldaram a massinha em diferentes formas e tamanhos para representar visualmente a duração dos sons na música. Essa abordagem tátil e visual ajuda os alunos a entenderem de forma mais concreta e sensorial as diferenças entre sons longos e curtos, contribuindo para o desenvolvimento de sua compreensão rítmica.



Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

Nas fotos, 13, 14, 15 e 16, os alunos estão praticando ritmo com instrumentos da bandinha. Eles estão envolvidos em atividades musicais que ajudam a desenvolver coordenação, ritmo e compreensão das nuances musicais, enquanto tocam em conjunto com outros instrumentos da bandinha. Essa prática colaborativa é essencial para o aprendizado musical e promove habilidades de trabalho em equipe entre os alunos.



Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

Na foto 17, Aluno cego aprendendo a tocar flauta. Ele utiliza métodos táteis e auditivos para compreender a posição dos dedos na flauta e aprender as notas musicais.



Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>





Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

Na foto 19 e 20, alunos ao final da aula com a professora Danielle.



Fonte: arquivo pessoal

A música não apenas ensina, mas cura. Ela é uma terapia que penetra nas profundezas da alma, acalma as tempestades interiores e abre janelas para a esperança.

Danielle Costa Cavalcante Silva



EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA MINHA VIDA COMO
MULHER SURDOCEGA
Susan Kelly Gonçalves Sousa



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>



DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA MINHA VIDA COMO MULHER SURDOCEGA Susan Kelly Gonçalves Sousa

1 .RELATO

Eu sou Susan Kelly, surdocega – surdez profunda bilateral e baixa visão por retinose pigmentar, filha de Maria Cleanilde. Minha mãe nasceu em Dom Pedro, no Maranhão, no ano de 1977. Aos 7 anos de idade, ela se mudou para a cidade de Tuntum, no Maranhão. Quando minha mãe tinha 17 anos de idade, ela conheceu meu pai e foi morar com ele no estado de Tocantins. Ele abandonou minha mãe grávida, por isso ela aceitou o convite do irmão dela para ir morar na casa dele, em Brasília, onde eu nasci no ano de 1995. Eu tenho mais dois irmãos, eles ouvem normalmente.

No ano de 1999, a minha avó, que é a mãe da minha mãe, sofreu um infarto e faleceu, com seus 56 anos de idade, em Tuntum - MA. Com isso, aos 4 anos de idade, eu e minha família nos mudamos para a cidade de Tuntum, em casa própria, que era feita de barro (casa pau a pique). Eu tinha 7 anos de idade quando eu comecei a usar óculos, por causa de uma avaliação do oftalmologista. Decobriu que eu tinha retinose pigmentar, por isso eu comecei a enxergar pouco no escuro e ainda menos durante a noite.

Eu estudei em várias escolas, fiz o ensino fundamental na Escola Municipal Assis Chateaubriand, da 1ª até 4ª série. Não tinha acessibilidade e não tinha comunicação alguma, nem tinha amigos surdos. Eu era a única aluna surda da sala. Tudo era feito por meio dos gestos, sendo que, também, não tinha intérprete de LIBRAS e tudo isso atrapalhava a inclusão, pois eu não entendia nada na escrita do português.

No ensino fundamental, anos finais, eu estudei na escola Complexo Educacional Dr. Tema e se repetiu a falta de acessibilidade, não tendo a língua de sinais. Igualmente aconteceu da 6ª

figura 1: Foto da autora



Susan Kelly Gonçalves Sousa: estudante do curso de graduação em Letras - LSB/PBL - "Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua" no Instituto de Letras da UnB. Professora de Língua de Sinais do Brasil. Usa implante coclear, utiliza apenas a modalidade visual espacial para comunicação receptiva e expressiva. Jovem determinada a conquistar seu espaço no contexto social, sempre estudou em escolas públicas. Frequenta o Centro De Ensino Especial de Deficientes Visuais de Brasília, espaço em que realiza atividades voltadas para a aprendizagem de comunicação alternativa, sistema braille, orientação e mobilidade em ambientes internos e externos, educação visual, entre outras.

Fonte: arquivo pessoal



até 8ª série, na escola Unidade Escolar Terezinha Almeida Pereira. Devido à falta de inclusão, eu fiquei sozinha nos estudos, sendo eu uma pessoa surda não conseguia comunicação com as outras pessoas, não entendia nada das disciplinas e a minha mente parecia fechada. Nas provas escritas eu não conseguia desenvolver o raciocínio e não conseguia responder. Foi um grande sofrimento.

No Ensino Médio, estudei em outra escola, que era o Centro de Ensino José Pinheiro. Nela não tinha acessibilidade e as pessoas me ajudavam a fazer as atividades normais, isto é, sem adequações. Eu me formei, mas não tive comemoração, apenas a foto da formatura, no ano de 2013. Eu não trabalhava, eu ficava sempre em casa e não tinha amigos.

Sempre acompanhava minha mãe na igreja e nas compras, mas eu interagiu com meu avô que queria jogar dominó e cartas de baralho, todos os dias. A minha família mudou para Brasília no ano de 2015, porque minha mãe estava muito preocupada com a perda da minha visão. Por isso, voltamos para Brasília para eu ter ajuda médica no Hospital Universitário de Brasília (HuB).

O oftalmologista pesquisou e descobriu em mim a “Síndrome de Usher”. Eu fiquei triste ao descobrir a verdade sobre eu ser surdocega. A minha mãe procurou um contato no Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV) e conseguiu a professora Fatima Cader, que sabe sinalizar e entende sobre surdocegueira. Esta professora conversou com a minha mãe que nos aconselhou a matricular no CEEDF e no Centro de Apoio ao Surdo (CAS/DF), bem como ir na Associação de Obras Pavonianas de Assistência (CEAL/LP), pois ela falava da importância dos aparelhos auditivos. Assim, passei a fazer reabilitação no CEEDV (comunicação alternativa, escrita, leitura, língua de sinais, contato com outros surdocegos, orientação e mobilidade, sorobã e braille) e no CAS/DF (português como segunda língua para surdos, Língua de Sinais entre outros atendimentos).

Eu e a minha mãe fomos ao otorrinolaringologista, no CEAL, e ele encaminhou para voltarmos e pegarmos gratuitamente os aparelhos auditivos. Eu tentei usar o aparelho auditivo, mas não ouvia nada, apenas barulhos, como sempre. Eu estudei no CAS com a professora Elemregina Moraes que me ensinou a língua de sinais brasileira. Ali também eu me desenvolvi e aprendi palavras novas, a minha mente foi se abrindo, fui me desenvolvendo e adquirindo conhecimento. Aos poucos fui escrevendo as frases em português. No CEEDV, a professora Fatima Cader me ajudou e eu aprendi a escrever um pouco mais os textos com contexto, mas ainda sentia dificuldades com as palavras e por isso eu ficava triste com a minha escrita. Então, desejei fazer um curso de português. A professora Fatima Cader me levou e eu conheci a professora Margot Marinho. Ela me apoiou e me ofereceu o curso de forma gratuita. Com ela, eu fiz o curso básico de língua portuguesa para surdos. Aprender a ler e escrever me abriu novas possibilidades de comunicação com minha mãe, por telefone, WhatsApp, e com outras pessoas.

Em 2016, eu comecei a participar da missa para surdos, no Instituto Nossa Senhora do Brasil - Inoseb. Em pouco tempo, um jovem surdo se apresentou a mim e ficou feliz em me conhecer. Ele sempre conversava comigo, mas ainda não conhecia nada da vida de um



surdocego. Eu expliquei a ele o que é ver no escuro, as dificuldades de enxergar à noite, o que é muito difícil, porque a noite reduz muito o que a gente pode ver. Ele compreendia o que eu explicava. Em seguida, conheci sua mãe, que gostou muito de mim. Ela foi muito legal! Sentia que estava me apaixonando por ele. Eu e ele fomos estudar no Centro de Apoio ao Surdo (CAS/DF). Logo, ele também estaria apaixonado por mim, me pedindo em namoro. Nosso primeiro beijo foi dentro do ônibus, indo para a rodoviária, em 2018. Eu contei para minha mãe que estava namorando e ela achou legal.

Com o tempo, a mãe do meu namorado nos acompanhou em um passeio ao Shopping, fomos ao cinema. Eu entrei, não consegui ver nada no escuro da sala. Ele tocou no meu ombro, mas não sabia Libras tátil para se comunicar comigo. Tivemos barreiras e não conseguimos conversar.

Outra experiência marcante, foi quando eu e meu namorado combinamos de participar de uma comemoração, um almoço no CEEDV. Nesse dia, ele amou dar, para minha surpresa, um anel de diamante. Perfeito, amor eterno! Depois, eu e minha mãe o visitamos e almoçamos na casa dele. Nesse dia, ele deu um presente surpresa pelo meu aniversário, eu amei! Era um ursinho.

Infelizmente, após esses momentos, ele silenciou. Ficou sem me mandar mensagens pelo WhatsApp. A mãe dele contou para minha mãe, que me avisou do que estava acontecendo. Eu não acreditei. Senti que estava acabando. Assim acabou, em 2019. Devolvi o anel de diamante. Melhor sermos grandes amigos.

Minha mãe continua a me acompanhar a qualquer lugar, aqui em Brasília. Eu consegui memorizar como chegar à parada de ônibus e como andar na rua, para me desenvolver melhor. Minha mãe não me deixa ir sozinha na rua, porque, com baixa visão, não consigo enxergar quando escurece, às 18 horas. Eu morava longe do CEEDV, do CAS e do INOSEB.

Tive a ideia de usar as mensagens do celular para me comunicar com minha mãe. Ela me orientou sobre o cuidado na rua e sobre as pessoas perigosas. Eu não tive medo de andar na rua. Precisei ir à aula à tarde, depois que a aula terminou, eu sai da sala. Sai para a rua e as pessoas procuravam por mim. Estava sozinha, mas consegui visualizar a parada de ônibus para ir à rodoviária. Depois, eu mandei mensagem para minha mãe e ela me ajudou a continuar, cheguei em casa e encontrei minha mãe.

Já aconteceu de o celular quebrar ou ficar sem internet. Nessas ocasiões, minha mãe fica muito preocupada, porque fica aguardando as mensagens que não chegam. Eu me preocupo em deixar minha mãe sem mensagem, mas não tenho mais medo de andar na rua e estou mais calma nos lugares novos.

Eu e minha mãe não tínhamos boa comunicação. Usávamos apenas gestos, porque ela não aprendeu bem a língua de sinais. Depois que passei a frequentar o CAS, a professora Lira aconselhou minha mãe a aprender Libras, porque é a comunicação mais importante para os surdos. Com uma outra professora, minha mãe fez um curso de Libras básico 1 e 2 para alunos ouvintes, que começou em 2016. Ela desenvolveu sinais e aprendeu a soletrar, era dedicada e estudava todos os dias, assim, nós passamos a nos comunicar mesmo.



Depois, outro professor de Libras surdo, ensinou a alunos ouvintes, na igreja, à noite. Ela foi aprender, e já estava no nível intermediário, em 2022. Mas ela não estudava em casa, por causa do vício de ficar no celular, no Facebook à noite, aí ela esquecia a Libras. Ela sabe um pouco da língua de sinais, um nível básico.

Eu não sabia nadar e poderia me afogar, mas eu sonhava em fazer natação. Pedi a minha mãe e ela procurou o Centro Olímpico e Paralímpico do Recanto das Emas. Lá tive um professor surdo que me ensinou. Eu fazia alongamento antes e depois da natação. Comecei a caminhar na água, mas a piscina era fria. A natação é o melhor exercício. Eu sempre usei prancha, pois não consegui aprender o nado Crawl.

No CEEDV, minha professora Fatima encontrou uma natação perto da escola e eu aceitei frequentar para treinar. Era outro professor que me ensinou a fazer alongamento, depois andei na água quente da piscina de natação. Fatima, entrava dentro da piscina e me acompanhava para treinar. Me desenvolvi e consegui de forma mais fácil o nado crawl, e ela não precisou mais nadar na piscina. Eu continuei sozinha, mesmo sendo surdocega. Frequentei e treinei muito e outras pessoas cegas também faziam aula de natação. Eu era a única surdocega aprendendo a nadar. O professor não sabia a língua de sinais, só usava gestos simples, também usou a escrita em papel para se comunicar comigo e essa forma eu entendi. Ele me falou sobre uma competição e me treinou para repetir muito, apenas o nado crawl e nado costas.

Ele formou uma equipe com cegos e comigo, surdocega, para competir no CIEF para pessoas com deficiência. Ele falava que eu precisava ir mais rápido no nado crawl. As pessoas com deficiência e eu surdocega ficamos próximas, distribuídas em 6 raias de natação para participar da competição paralímpica. Quando o árbitro bateu a roupa no chão para a partida de natação, tínhamos que nadar crawl rapidamente e eu venci, fui a número 1 e conquistei a medalha.

Eu sempre treinei nado crawl, nado costas, nado peito e nado borboleta. A competição foi muito difícil, no CIEF e na escola CID, conquistei 6 medalhas em 4 anos. Entretanto, a natação parou por causa da COVID-19 e o professor aposentou em 2020. Em 2019, eu fui voluntária da professora de Libras, que ensinava alunos ouvintes no curso de Libras Básico numa igreja em Águas Lindas.

Eu e minha mãe não tínhamos boa comunicação. Usávamos apenas gestos, porque ela não aprendeu bem a língua de sinais. Depois que passei a frequentar o CAS, a professora Lira aconselhou minha mãe a aprender Libras.



Uma amiga me falou sobre o taekwondo, aí participei das aulas de taekwondo básico, faixa branca, porque as pessoas ouvem e uma surdacega também pode participar normalmente. O professor foi lutador e ensinou os alunos a fazerem exercícios de alongamento e flexibilidade. Eu me desenvolvi com o treino, muita luta com as pernas, as minhas pernas doíam, também treinei muito um poomsae, que é uma série de movimentos corporais da arte marcial que representam uma luta imaginária.

Uma vez, ele pagou para eu participar da competição. Eu e minha mãe fomos com eles à competição no IFB-Gama/DF, no espaço da quadra. Ele falou que eu precisava trocar de roupa. Eu me arrumei, coloquei um dobok, protetor de tórax, cabeça, antebraço, luvas e canela. Eu tive um pouco de medo. As pessoas olharam e a minha mãe ficou curiosa. Eu e minha oponente ficamos na defesa, com chute nas pernas. Apenas o equipamento de proteção do tórax recebe os golpes. O impacto causa falta de ar, nesse caso os participantes podem tomar água. Depois fiz nova defesa de chute nas pernas, faltando 2 minutos para acabar. Senti machucar um pouco o pé, mas eu venci e conquistei a medalha.

Eu treinei e aprendi o poomsae e lutar no taekwondo e conquistei 2 medalhas em um ano. Mas eu parei de lutar taekwondo porque fiz a cirurgia de implante coclear na orelha direita, em 2020. Entretanto, não desisti do taekwondo, gosto de natação e gosto de taekwondo.

Eu lutei e fiz o vestibular na Universidade de Brasília (UnB). Em 2020, fui aprovada no curso Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua. Sou agradecida a minha mãe Cleonildes que nunca desistiu de mim, sempre acreditou que eu era capaz e que preciso de pessoas para me orientar e ensinar. Sou agradecida às professoras Fatima Cader, Elemregina Moraes e Margot Marinho, e a equipe do Hospital Universitário (HUB) à médica e à psicóloga que conversou com a minha mãe sobre o problema nos meus olhos, aos médicos que me acompanham. Então, em novembro de 2020, eu aceitei fazer a cirurgia de implante coclear, fiz terapia para conseguir ouvir um pouco, com atendimento de fonoaudiologia no HUB. O meu sonho é de no futuro ser professora de Libras e Artes Visuais para os surdos e os surdocegos. Também gosto e quero viajar, passear por diferentes lugares. Meu outro desejo é fazer mestrado e doutorado na Universidade de Brasília (UnB).

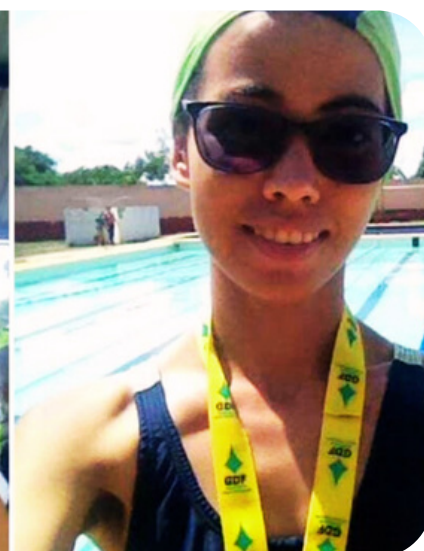
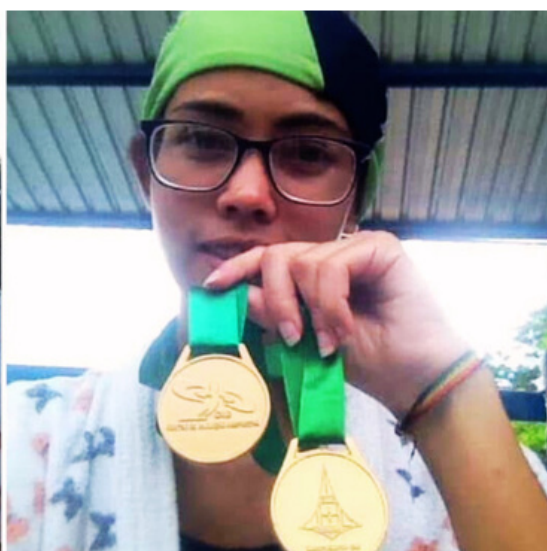
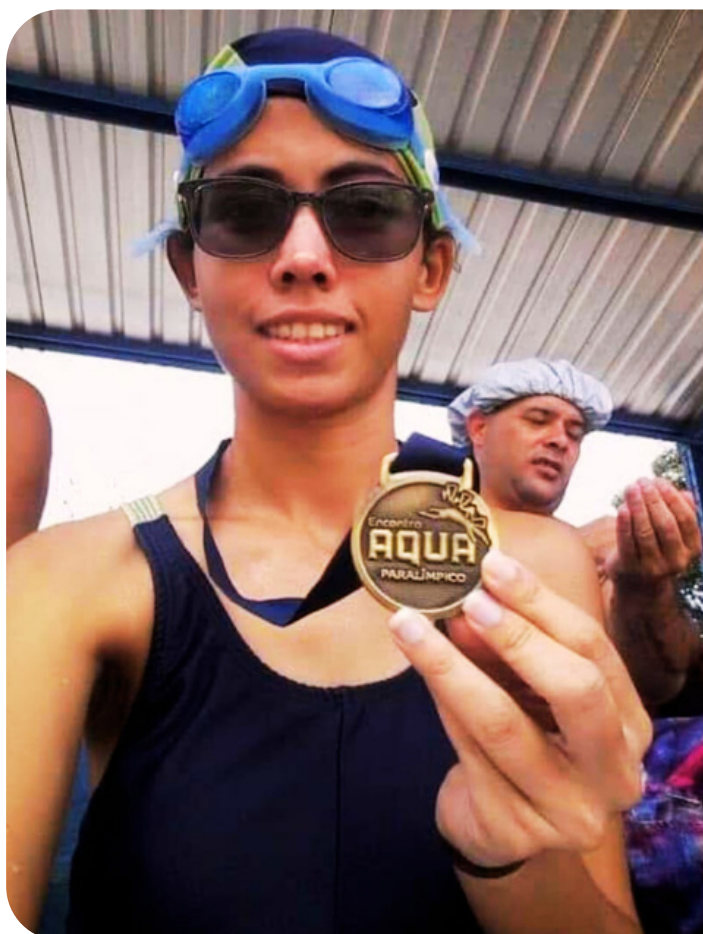
Minha vida é mais do que escola, também sou uma pessoa, bonita, mulher, tenho sonhos, desejos. Já tive namorado. Foi uma experiência boa na minha vida. Eu sou católica, gosto de ir na missa. Em Brasília, eu comecei a participar da missa no INOSEB para surdos desde 2016.

Eu lutei e fiz o vestibular na Universidade de Brasília (UnB). Em 2020, fui aprovada no curso Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua



2. GALERIA E REGISTRO ICONOGRÁFICO

imagens 2, 3, 4, 5 e 6 registram as conquistas esportivas: Susan Kelly participou de várias competições de natação adaptada para deficientes visuais, todas realizadas no Distrito Federal, em distintos espaços, entre eles: Setor Leste e CIEF. Participou como surdocega e conquistou o primeiro lugar em duas competições



Fonte: arquivo pessoal

figura 7: Homem de blusa azul é cadeirante. Ele possui deficiência física, apoia grupo de pessoas com deficiência na natação, no CIEF. Ele consegue nadar e foi ele quem me entregou a minha medalha. Foi perfeito. O professor Anibal está em pé e ao lado estudantes com deficiência visual do CEEDV.



Fonte: arquivo pessoal

figura 8: O rapaz de camiseta amarela é da seleção brasileira de natação, ele tem deficiência física. Ele já ganhou medalha de ouro em diferentes competições internacionais para nosso país, estava participando da integração entre pessoas com diferentes deficiências que praticam natação como esporte. A mulher que está a esquerda dela também é aluna do CEEDV e participa das competições de natação e também ganhou medalha.



Fonte: arquivo pessoal

SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

figura 9: A participação no Taekwondo aconteceu no Gama. Cada participante pagou e realizou sua apresentação. Meu professor e a filha dele foram também. Foi só uma vez que participei. Todos ganharam medalha pela participação.



Fonte: arquivo pessoal

Eu lutei e fiz o vestibular na Universidade de Brasília (UnB). Em 2020, fui aprovada no curso Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua...

Susan Kelly



Fonte: arquivo pessoal

3. NOTA:

Susan Kelly é usuária de Libras e tem o português, na modalidade escrita, como segunda língua. Ela produziu seu texto, primeiramente, em português. A seguir, a Sala de Recursos Revista conversou com ela, em língua de sinais, para ajustar a revisão dos aspectos linguísticos, preservando os significados da autora. Posteriormente, o texto foi revisado para adequá-lo ao padrão formal. Susan teve uma aquisição tardia de língua de sinais e foi alfabetizada, em português, após ter concluído o Ensino Médio. Sua fluência em português escrito é de uma aprendiz de segunda língua, com características próprias, como uma excelente apropriação ortográfica, enquanto outros aspectos gramaticais estão em desenvolvimento, especialmente no que se refere à sintaxe. A seguir um pequeno trecho do texto original:

"Em breve eu aconteci o celular quebrar e sem Internet, a mãe sempre preocupou muito esperar não se responder, eu preocupei não mensagem sem internet para mãe, mas não tenho medo na rua e estou aclamando nos lugares".





10 DICAS

PARA UMA COMUNICAÇÃO SIMPLES E INCLUSIVA

Luciana Reis

Especialista em Educação Especial





10 DICAS PARA UMA COMUNICAÇÃO SIMPLES E INCLUSIVA

Luciana Reis

A linguagem simples é uma técnica que facilita o acesso ao entendimento. Consideramos qualquer forma de comunicação, que transmita informações de maneira fácil e autônoma para o leitor, ouvinte ou receptor, como adequada e inclusiva. Segundo o Governo Federal, essa abordagem também possui um caráter social, permitindo que os cidadãos compreendam plenamente seus direitos e deveres.

A comunicação permeia todas as fases da vida humana. Desde o nascimento até a finitude, expressamos emoções, desejos, necessidades e estabelecemos relacionamentos através dela. Diversos tipos de linguagem fazem parte do nosso cotidiano: palavra falada ou escrita, imagens, gestos, sons, toques, sinais, quadrinhos ou outdoors. Escolher a linguagem adequada para cada situação é fundamental para uma comunicação de qualidade, onde todos possam entender, interpretar e se expressar corretamente.

Para uma comunicação eficaz, é necessário planejamento. Quais ideias queremos transmitir? Qual é a mensagem importante? Para quem estamos comunicando? Como?

A deficiência intelectual, de acordo com o DSM-V, manifesta-se com déficits funcionais nos domínios intelectual e adaptativo, afetando a comunicação e o aspecto social. No contexto escolar inclusivo, é crucial considerar as especificidades dos estudantes com deficiência intelectual e adaptar a comunicação para garantir sua participação e aprendizado. O uso da linguagem simples é especialmente relevante na educação, beneficiando pessoas com deficiências intelectuais, dificuldades de leitura ou privações.

figura 1: Foto da autora



Luciana Reis: Especialista em Educação inclusiva pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2009.

<http://lattes.cnpq.br/0237993615916519>

Fonte: arquivo pessoal

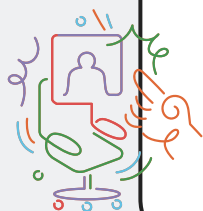


Se Comunicar de Forma Eficaz



1.

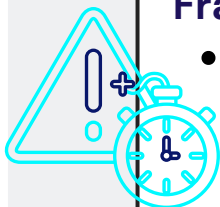
Conhecimento do Estudante e Planejamento da Mensagem:



- Antes de ensinar um novo conceito, o professor pode conhecer os interesses, habilidades e nível de compreensão dos alunos para adaptar a abordagem de ensino.

2.

Frases Claras e Objetivas:



- Ao explicar um conceito matemático, o professor pode utilizar uma linguagem simples e direta, evitando termos complexos e fornecendo exemplos práticos do dia a dia.

3.

Frases Curtas e Sequência Lógica:



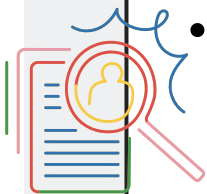
- Durante uma aula de história, o professor pode dividir uma explicação em pequenas partes, utilizando frases curtas e seguindo uma ordem cronológica lógica para facilitar a compreensão dos alunos.

4.

Divisão de Assuntos Extensos:



- Ao ensinar um capítulo extenso de um livro, o professor pode dividir o conteúdo em seções menores e discuti-las separadamente ao longo de várias aulas para evitar sobrecarregar os alunos com informações.

Priorização de Assuntos Relevantes:

- Durante uma aula de ciências, o professor pode começar destacando os conceitos mais importantes que os alunos precisam entender antes de avançar para os detalhes menos relevantes.

Ordem Direta nas Frases:

- Ao dar instruções para uma atividade prática em laboratório, o professor pode utilizar frases na ordem direta, como "Pegue o tubo de ensaio, adicione duas gotas da solução A e agite suavemente".

Evitar Nominalizações:

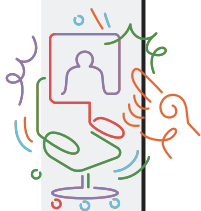
- Em uma aula de redação, o professor pode explicar aos alunos que é melhor usar verbos em vez de substantivos, por exemplo, substituindo "realização de uma avaliação" por "avaliar".

Uso de Elementos Visuais:

- Durante uma apresentação sobre geografia, o professor pode incluir mapas, imagens e gráficos para ilustrar os conceitos discutidos e tornar o conteúdo mais acessível e interessante para os alunos.

Evitar Siglas e Termos Técnicos:

- Ao ensinar sobre computadores, o professor pode explicar o significado de termos como CPU, RAM e HDD em linguagem simples e evitar o uso excessivo de siglas.



Uso da Voz com Boa Entonação:

- Durante a leitura em voz alta de um texto, o professor pode ajustar sua entonação e velocidade de acordo com o conteúdo e o público-alvo, garantindo que os alunos compreendam e se envolvam com a história.



Saiba mais...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

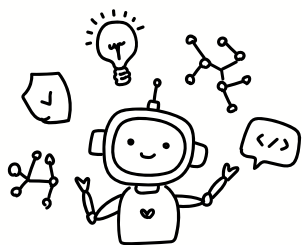
Simples assim : **comunique com todo mundo**. Coordenação Patrícia Almeida.-- Canoas, RS : Cromossomo 21, 2023.Disponível em:<<https://abcpública.org.br/>>. Acesso em: 05 de mar.de 2024.

Ministério de Gestão e da Inovação em serviços públicos.**Linguagem Simples**, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/gestao/pt-br>>. Acesso em: 05 de mar. de 2024.

Mais Diferenças: **Lívrois Acessíveis**. Disponível em:< <https://maisdiferencas.org.br/>>. Acesso em: 06 de mar. de 2024.

LITERATURA ACESSÍVEL. **Manual de Leitura Fácil para Educadores**, 2023. Disponível em: < <https://ww3.sapucaia.ifsul.edu.br/>>. Acesso em: 02 de mar.de 2024.





10 DICAS

PARA TRABALHAR COM ESTUDANTES SUPERDOTADOS NO
ENSINO REGULAR

Rachel Rabelo, SEEDF

Especialista em Informática na Educação, UnB, 1999.



SALA DE RECURSOS REVISTA. Brasília: v. 4, n. 2, jul - dez., 2023. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>

leia



PARA TRABALHAR COM ESTUDANTES SUPERDOTADOS NO ENSINO REGULAR

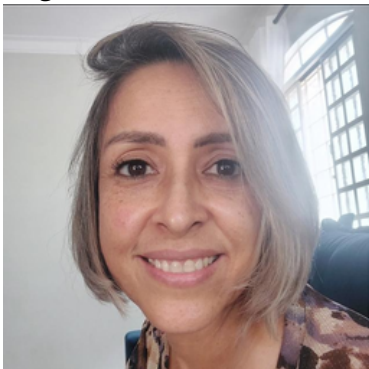
Rachel Rabelo, SEEDF

Encontrar maneiras de engajar e apoiar os estudantes é, sem dúvida, desafiador, e o atendimento educacional especializado oferecido aos estudantes com altas habilidades ou superdotação pode ser ainda mais complexo para os professores do ensino regular. Muitas vezes, esses estudantes têm necessidades e interesses diferenciados do currículo padrão, o que pode resultar em desafios tanto para o estudante quanto para o professor.

Os desafios enfrentados pelos professores ao realizar o AEE com estudantes superdotados podem incluir diferenças no ritmo de aprendizagem, que pode ser mais rápido, e o estudante pode apresentar desinteresse; necessidade de explorar tópicos com maior profundidade do que o currículo padrão; frustração com atividades rotineiras, nas quais os estudantes não se sentem engajados; e devido à falta de colegas com interesses ou habilidades semelhantes, esses estudantes podem se sentir isolados ou deslocados.

Os professores enfrentam pressão para atender às necessidades acadêmicas desses estudantes, mesmo sem recursos ou formação específica, mas há maneiras criativas e eficazes de envolver e apoiar os estudantes no ensino regular. Aqui estão 10 dicas fáceis e interessantes para os professores considerarem:

figura 1: Foto da autora



Rachel Rabelo: Graduada em Letras, Especialista em Informática na Educação e Neuropsicopedagogia. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal há 29 anos, já atuou na formação de professores no Núcleo de Tecnologia Educacional. Atualmente é Professora da Área Acadêmica Linguagens, atua na identificação e atendimento ao estudante com Altas Habilidades ou Superdotação no Atendimento Educacional Especializado em Altas Habilidades ou Superdotação Sobradinho da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

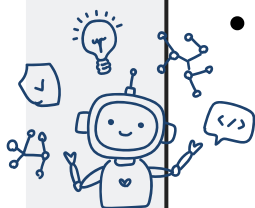
Fonte: arquivo pessoal



Trabalhar com Estudantes Superdotados no Ensino Regular

1

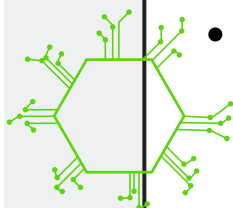
Oferta de desafios extras:



- Forneça tarefas ou projetos opcionais que permitam aos estudantes superdotados explorar tópicos em maior profundidade ou aplicar conceitos de maneira criativa. Exemplo: Em Ciências, proponha a investigação da composição química de materiais ou alimentos mais consumidos, para gerar um produto criativo de ampla conscientização das pessoas sobre os estudos feitos.

2

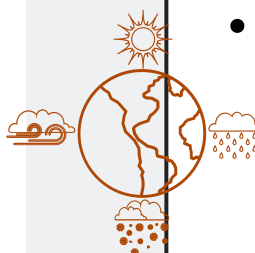
Estímulo à Criatividade:



- Incentive os estudantes a explorarem suas paixões e interesses por meio de projetos individuais ou em grupo que permitam a expressão criativa. Exemplo: trabalhar com os estudantes para a criação de um projeto de arte baseado em conceitos matemáticos, como padrões fractais ou arte geométrica, no qual esses estudantes demonstrem a compreensão do conteúdo de uma forma atraente e criativa, podendo ser promovida uma exposição na comunidade escolar.

3

Incentivo à Autonomia:



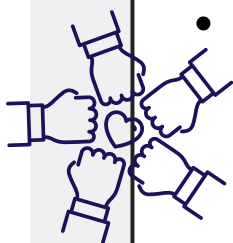
- Dê aos estudantes superdotados a liberdade de escolherem seus projetos individuais ou áreas de estudo, permitindo-lhes que desenvolvam habilidades de autodireção e responsabilidade. Exemplo: Orientações para estudo de clima/tempo e criação de um aplicativo para previsão dos padrões climáticos.

Utilização de recursos educacionais online:



- Apresente cursos gratuitos ou sites de aprendizagem, para oferecer aos estudantes superdotados a oportunidade de explorar novos tópicos ou aprofundar seu conhecimento em áreas de interesse. Exemplo: há diversos sites e aplicativos com cursos sobre Biologia Marinha, apresente e incentive a participação e combine uma forma de apresentar aos colegas o aprendizado e as descobertas dos estudantes

Promoção de Trabalhos Colaborativos:



- Encoraje e promova situações em que os estudantes trabalhem em equipe, nas quais possam compartilhar ideias e aprender juntos com a troca de experiências, ao mesmo tempo que desenvolvem habilidades sociais importantes. Exemplo: promova situações para a descoberta de problemas reais da comunidade escolar, a investigação e pesquisa deste problema, a criação de estratégias de resolução desse problema e a apresentação à comunidade escolar.

Oferta de Mentoria:



- Conecte os estudantes com mentores ou especialistas em suas áreas de interesse, para orientá-los e inspirá-los em seus estudos. Exemplo: promova um momento de mentoria com um especialista em uma área do conhecimento, como Matemática, em que os estudantes possam explorar tópicos avançados e receber uma orientação personalizada sobre como desenvolver suas habilidades matemáticas.

Fomento à Curiosidade:

- Crie um ambiente de sala de aula que valorize a curiosidade e o questionamento, onde os estudantes superdotados se sintam encorajados a explorar novos tópicos e ideias. Exemplo: Realize debates em sala de aula sobre questões contemporâneas, como por exemplo a mudança climática, de modo que os estudantes possam explorar diferentes perspectivas e apresentem argumentos fundamentados em evidências.

Promoção de Trabalhos Colaborativos:

- Encoraje e promova situações em que os estudantes trabalhem em equipe, nas quais possam compartilhar ideias e aprender juntos com a troca de experiências, ao mesmo tempo que desenvolvem habilidades sociais importantes. Exemplo: promova situações para a descoberta de problemas reais da comunidade escolar, a investigação e pesquisa deste problema, a criação de estratégias de resolução desse problema e a apresentação à comunidade escolar.

Celebração do Sucesso:

- Reconheça e celebre os sucessos dos estudantes superdotados, destacando suas realizações e contribuições para a sala de aula e a comunidade escolar. Exemplo: junto com os estudantes, elejam formas de expor tais como: apresentar performances teatrais, distribuir flyers de conscientização, apresentar palestras, entre outras para que os estudantes possam exibir suas criações para a comunidade escolar e receber o reconhecimento por seu talento e dedicação.

Parceria com os Pais:



- Mantenha uma comunicação aberta e colaborativa com os pais dos estudantes superdotados, compartilhando informações sobre seu progresso acadêmico e trabalhando juntos para oferecer apoio e recursos adicionais, quando necessário. Exemplo: convide pais, mães ou responsáveis para participar e contribuir ativamente em suas áreas de atuação em projetos dos estudantes, de maneira que possam contribuir com seu tempo e com sua experiência a fim de apoiar os esforços dos estudantes.

Ao aplicar estrategicamente essas orientações, os professores não apenas facilitam a integração dos estudantes com altas habilidades ou superdotação, mas também estabelecem um ambiente de sala de aula que nutre o desenvolvimento integral de todos os alunos. Essa abordagem inclusiva não apenas incentiva o crescimento acadêmico dos estudantes superdotados, mas também promove o compartilhamento de conhecimento e a colaboração entre os colegas. Como resultado, a diversidade de habilidades e perspectivas enriquece o ambiente de aprendizado, preparando os estudantes para enfrentar desafios acadêmicos e sociais com confiança e resiliência.

Saiba mais...

RENZULLI, J. S. Os fatores da Excepcionalidade. In: **Anais do XIV Congresso Mundial de Superdotação e Talento**. Espanha, 2001.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas Habilidades/Superdotação: encorajando potenciais**. Ministério da Educação. Brasília, 2007.



PROCURANDO SEU ESTUDANTE

NÓS TEM

Acesse

UNIDADE ESCOLAR:

Professor:

Disciplina:

Turma:

Data: __/__/__

Aluno:



Instruções:

- Crie uma rotina diária de estudos.
- Preencha o cabeçalho completo.
- Leia, atentamente, as orientações e explicações do professor.
- Responda com calma, releia sua resposta.

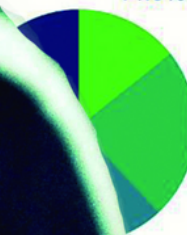


1

IDENTIFIQUE OS DADOS DO GRÁFICO E RESPONDA .

Consumo de Pizza

Portuguesa
14.3%



Calabresa
23.8%

PIZZA

Sabor	Total
Calabresa	70
Frango	50
Lombinho	40
Portuguesa	30
Italiana	20

b) Pinte com a cor com azul o sabor da pizza menos consumido

b) Qual o sabor de pizza que corresponde a 14,3% do consumo total?



calabresa



portuguesa

O MATERIALS QUE AJUDEM O A SE DENSENVOLVER MELHOR?

OS E É GRATUITO!

www.saladerecursos.com.br

UNIDADE ESCOLAR:

Professor:

Disciplina:

Turma:

Data: __/__/__

Aluno:



Instruções:

- Crie uma rotina diária de estudos.
- Preencha o cabeçalho completo.
- Leia, atentamente, as orientações e explicações do professor.
- Responda com calma, releia sua resposta.

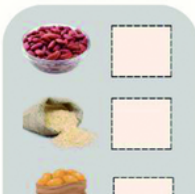
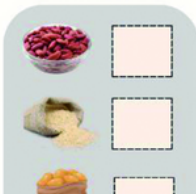
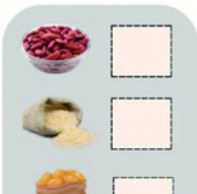


1 IDENTIFIQUE OS DADOS DO GRÁFICO E RESPONDA .

CONSUMO DE ARROZ - FEIJÃO - BATATAS EM GRAVATÁ



- a) Marque com um X o produto mais consumido durante o período de 2018 a 2022?
- b) Marque com um X o produto menos consumido durante o período de 2018 a 2022?
- c) Qual o produto teve o consumo de 150kg em 2022?



2 OBSERVE A FIGURA A ABAIXO E RESPONDA:

Produtos mais vendidos - porcentagem

Hamburguer



45%

produzidos 100 unidades
vendidos 45 unidades

Açaí



81%

produzidos 100 unidades
vendidos 81 unidades

Cachorro Quente



31%

produzidos 100 unidades
vendidos 31 unidades

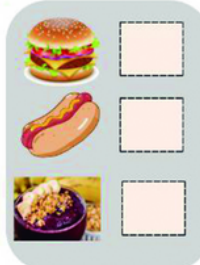
Batatas



51%

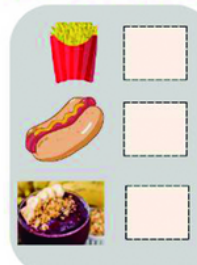
produzidos 100 unidades
vendidos 51 unidades

a) Marque com um X o produto mais vendido?



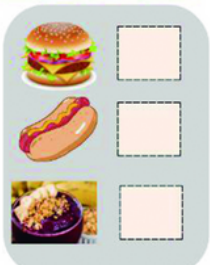
a) Quantas unidades foram vendidas do sanduiche?

b) Marque com um X o produto meno vendido?



a) Quantas unidades foram vendidas da açaí?

c) Qual o produto que obteve 31% de vendas?



a) Quantas unidades foram vendidas da batata?

